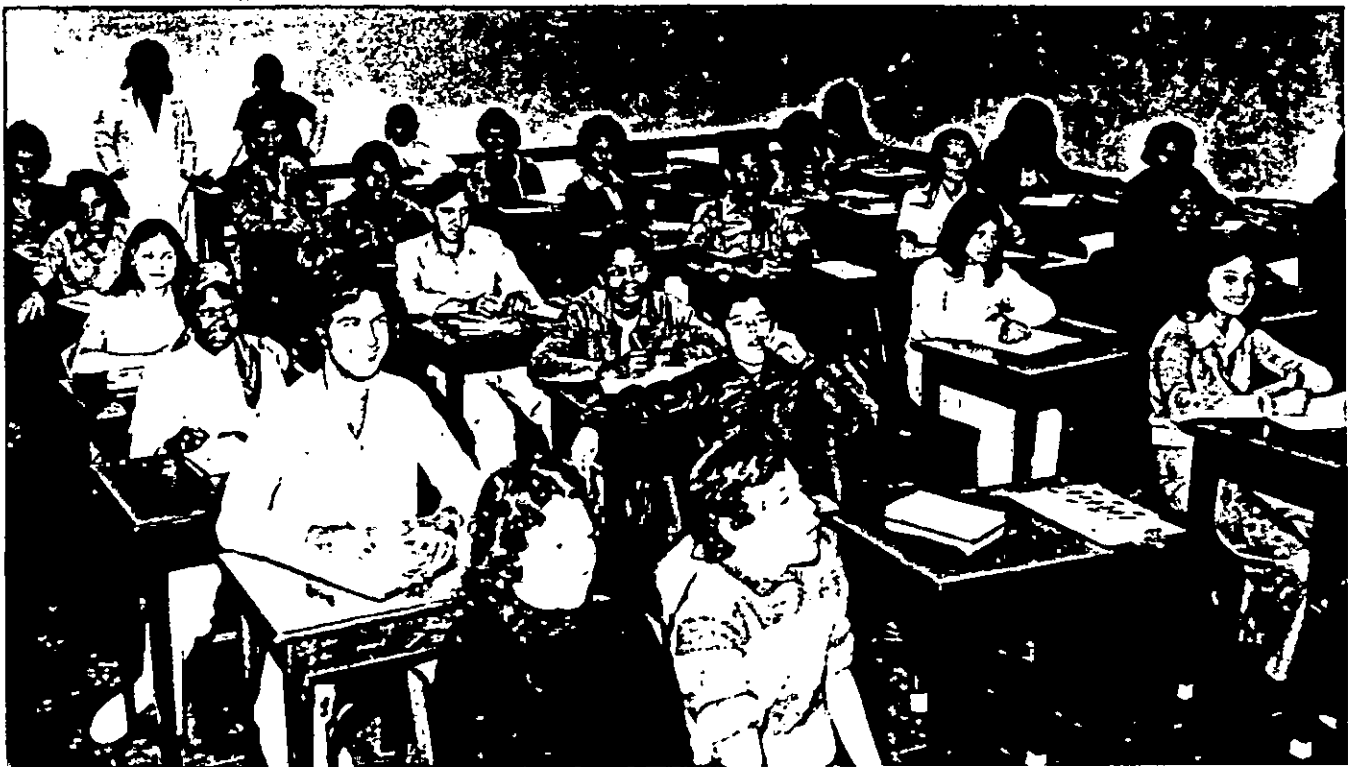


No. EOL 00014.
Data 16. 10. 87



caderno de sugestões para o desenvolvimento dos temas de estudos sociais



CADERNO DE SUGESTÕES
PARA O DESENVOLVIMENTO
DE TEMAS DE
ESTUDOS SOCIAIS

Este caderno é formado por projetos de aulas elaboradas por monitores do PEA/FABES durante o Curso de Capacitação e Reciclagem em Metodologia de Educação de Adultos.

Os projetos de aulas foram organizados e comentados por Christiane G.A. Costa e Maria Clara Di Piero Siqueira. *(autores)*

Esse curso foi realizado pelo Programa de Educação e Escolarização do CEDI para o Programa de Educação de Adultos da FABES/PMSP. Este caderno é parte do relatório final do curso.

São Paulo, novembro de 1985

Tu sabes, Sérgio, que, para mim, o educador tem que travar uma série de batalhas diárias. Fundamentalmente, ele tem que jamais deixar que a sua alegria fique calejada. Quer dizer: para mim, o educador não pode cansar de viver a alegria do educando. No momento em que ele sente que a capacidade de ficar alegre com a descoberta do educando - não importa qual o nível dele, em que grau trabalha -, no momento em que ele já não se alegra, não se arrepia diante de uma alegria, da alegria da descoberta, é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente. E, se ele se burocratiza pelo hábito de fazer e diz "Bem, eu não tenho mais nada que ficar contente, porque isso eu já sabia", é que ele, burocratizando-se, perdeu a capacidade de espantar-se. E, se ele já não se espanta com a alegria do menino que descobre, pela primeira vez, algo que ele descobriu várias vezes, e redescobriu, então ele já não é educador.

E aí é que talvez algum leitor diga: "Puxa, como o Paulo continua lírico! Será possível que essa qualidade a gente possa manter?" Eu acho que a condição para se continuar educador é manter essa qualidade.

Paulo Freire

(Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio - "Sobre a Educação" (Diálogos), vol.1, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982, pg.84/85)

ÍNDICE

Introdução.....	1
I. Noções de Tempo e Espaço.....	2
A. Localização Espaço-Temporal e Cartografia.....	2
1. Sistema Solar, Movimentos da Terra, Estações do Ano, Dias e Noites.....	2
a. Considerações Metodológicas e Didáticas sobre o ensino de noções de Astronomia.....	2
b. Sistema Solar (Vila Mariana - tarde).....	4
c. Sistema Solar (Sé - noite).....	5
2. Pontos Cardeais.....	6
a. Pontos Cardeais (Penha - noite).....	6
3. Localização Geográfica e Cartografia.....	7
a. Considerações Metodológicas e Didáticas sobre o ensino de Sistemas de Referência e Localização e Cartografia.....	7
b. Localização das Regiões Brasileiras (Santo Amaro - noite).....	9
c. Localização da América do Sul, Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo (Santo Amaro - noite).....	10
B. Características do Espaço Imediato do Educando.....	11
1. O Bairro.....	11
a. Características e recursos do bairro (Lapa-noite).....	11
b. Bairro (Penha-tarde).....	12
2. A Cidade.....	13
a. Características e recursos da cidade (Vila Prudente-tarde).....	13
b. A população da cidade de São Paulo (Vila Prudente-noite).....	13
3. O Estado.....	15
a. Condições de vida da população (Vila Prudente-noite).....	15
b. Estado de São Paulo (Santo Amaro-noite).....	16
4. As Atividades Econômicas.....	17
a. Indústria (Vila Mariana-noite).....	17
b. Comércio e Indústria(Sé-tarde).....	18
C. Conceitos de Zona Rural e Urbana, Município, Estado, País, Região Geográfica.....	20
1. Condições de trabalho no campo e na cidade(Lapa-tarde).....	20
2. Zona Rural e Urbana (Vila Prudente- noite).....	22
3. Condições de vida e trabalho no campo e na cidade (Sé-noite).....	23
4. Zona Rural e Urbana (Vila Mariana-noite).....	24
5. O Município de São Paulo (Penha-noite).....	25
D. Características das Regiões Brasileiras, Desequilíbrios na Ocupação do Es- paço, Migrações, Êxodo Rural e Urbanização.....	26
1. Regiões Brasileiras (Lapa- noite).....	26
2. Regiões Brasileiras (Sé-tarde).....	27
3. Características Culturais das Regiões (Penha-noite).....	28
4. Regiões Brasileiras e Disparidades Regionais(V. Prudente-tarde).....	29
5. Região Sudeste (Vila Mariana- tarde).....	30

II. História do Brasil.....	32
1. Descobrimento do Brasil.....	32
a. Descobrimento do Brasil (Sé-tarde).....	32
b. Descobrimento do Brasil (Sé-noite).....	34
2. República Velha.....	35
a. Primazia Política de São Paulo (Sé-tarde).....	35
III. Temas Políticos da Atualidade.....	37
1. Eleições.....	37
a. Partidos Políticos (Lapa-noite).....	37
2. Constituinte.....	38
a. Constituição e Constituinte (Sé-tarde).....	38
3. Atualidades.....	39
a. Nova República (Vila Mariana-tarde).....	39
IV. Direitos Trabalhistas.....	40
a. CLT (Vila Mariana-noite).....	40
b. CLT (Penha-noite).....	41
c. Carteira de Trabalho e CLT (Lapa-tarde).....	42
V. Anexos.....	44
A. Aulas da equipe do Cedi elaboradas para o treinamento dos técnicos....	44
1. Zona Rural e Urbana e Município.....	44
2. Cultura.....	48
3. Contagem do Tempo.....	52
4. Regiões Brasileiras.....	55
B. Sobre a questão da conscientização.....	
1. Marilena Chauí.....	
2. Moacir Gadotti, Paulo Freire, Sérgio Guimarães.....	
C. Sobre a questão do desenvolvimento do pensamento do educando.....	
1. Equipe Renov.....	
2. Raths.....	

Observação: Os locais mencionados não são necessariamente as Regionais em que os monitores trabalham , e sim os locais onde participaram da reciclagem.

INTRODUÇÃO

Uma das propostas que apresentamos aos monitores de Suplência durante a reciclagem de julho de 85 foi o planejamento de uma aula ou unidade de ensino que considerasse os preceitos metodológicos debatidos ao longo do curso. Os monitores foram orientados no sentido de planejar uma aula cujo desenvolvimento incorporasse o conhecimento que o educando tem de sua realidade pessoal e social, propondo-lhe um papel ativo no processo de aprendizagem, e que garantisse as condições concretas de aquisição dos conhecimentos e habilidades propostas no objetivo.

Pretendíamos com esta atividade propiciar um momento de trabalho coletivo, em que os monitores vivenciassem as orientações metodológicas do curso e produzissem um material que lhes fosse útil futuramente. Comprometemo-nos a publicar esses planos de aula sob a forma de um caderno.

A publicação na íntegra das 70 aulas planejadas, no entanto, tornou-se inviável, pois não tínhamos condições de reproduzir um caderno tão extenso. Pesou sobre a decisão de fazer uma seleção também a falta de clareza e o baixo nível de elaboração metodológica que grande parte das aulas planejadas demonstravam. Ao nosso ver, o material produzido pelo conjunto dos monitores ficou distante de sua finalidade, que era a de fornecer subsídios metodológicos ao desenvolvimento dos temas de Estudos Sociais. Supomos que a indisposição geral que cercou a reciclagem possa ter colaborado para que isso ocorresse, mas esse fato sugere uma reflexão sobre a capacidade de organização e trabalho do monitor, que reivindica espaço de contribuição teórica e, quando o obtém, não utiliza satisfatoriamente.

Fizemos um agrupamento das aulas segundo temas e uma seleção, em que procuramos destacar as mais significativas em seus aspectos positivos e negativos para serem analisadas e comentadas. Anexamos ainda, a título de sugestão, quatro roteiros de aulas feitas por nós e que serviram de subsídios ao treinamento dos técnicos realizado em Agosto.

O Arquivo, com todos os originais dos planos de aulas, encontra-se no CEDI à disposição dos interessados em consultá-lo.

A seleção dos conteúdos

Fornecemos aos monitores cópias dos objetivos do novo programa de Estudos Sociais das três fases de Suplência, propondo que escolhessem um conteúdo que julgassem significativo para a consecução dos objetivos da Área.

Embora outros fatores possam ter interferido na seleção

dos temas, a maior ou menor incidência na escolha dos conteúdos é um indicativo das prioridades do programa do ponto de vista dos monitores.

Os temas de maior incidência encontram-se em um núcleo que denominamos "Noções de Espaço e de Tempo". Foram preparadas:

- . 15 aulas sobre "As características do espaço imediato do educando" (Bairro, Cidade, Estado);
- . 14 aulas de "Localização espaço-temporal e cartografia" (Sistema Solar, Movimentos da Terra, Estações do Ano, Dias e Noites, Pontos Cardeais, Localização dos Oceanos e Continentes, América do Sul, Brasil, Regiões Geográficas, Divisão Político-Administrativa do Brasil);
- . 13 aulas versando sobre os "Conceitos de Zona Rural, Zona Urbana, Município, Estado, País e Região Geográfica";
- . 12 aulas sobre "As Características das Regiões Brasileiras, os Desequilíbrios na ocupação do Espaço, Migrações, Êxodo Rural e Urbanização".

Aos temas de "História do Brasil" foram dedicadas 7 aulas, 5 versaram sobre "Temas políticos da atualidade" e outras 3 sobre "Direitos Trabalhistas e a CLT".

I. NOÇÕES DE ESPAÇO E TEMPO

A. LOCALIZAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL E CARTOGRAFIA (1).

1) O SISTEMA SOLAR, OS MOVIMENTOS DA TERRA, ESTAÇÕES DO ANO E OS DIAS E AS NOITES

a) Questões Metodológicas e Didáticas sobre o Ensino de Noções de Astronomia.

Quando o programa de Suplência aborda temas como Sistema Solar, Movimentos da Terra, Dias e Noites, propõe ao educando que lide com fenômenos naturais e corpos que se encontram em uma escala espacial e em uma dimensão temporal distantes da experiência individual e da percepção sensorial, exceto quanto à percepção de evidências indiretas. É portanto um conteúdo que requer elevado grau de abstração e generalização. A compreensão das transformações e processos naturais envolvidos pressupõe alguns conhecimentos que o aluno não domina, tais como os de campo gravitacional ou magnético. Por outro lado, esse conteúdo é essencial para que o educando desenvolva noções elementares de tempo (dias e noites, ano) e espaço (planetas, esfericidade da Terra, etc.). Procura-se trabalhar com estes conteúdos a partir de motivações subjetivas que conduzam

(1) inclui os objetivos 1,2,3,4 e 5 de S1, 2 de S2 e 1 de S3

os educandos a uma postura de curiosidade face a um objeto dis- tante, fascinante e mágico. Essa curiosidade - a experiência demonstra - é espontânea, e transparece matizada pela imagem fantasiosa disseminada nos meios de comunicação de massa (histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes de ficção "científica"), por dúvidas religiosas, metafísicas e filosóficas, ou simplesmente pelo desafio que ela representa ao conhecimento e desenvolvimento tecnológico da humanidade. É destes elementos que se deve partir em direção a informações simples so- bre os corpos celestes, suas características e movimentos. O obstáculo da abstração sô pode ser parcialmente transposto através de recursos visuais, simulações e modelos. Sempre que possível deve-se buscar:

- . modelos tridimensionais, uma vez que os fenômenos descritos ocorrem em diversos planos espaciais;
- . modelos construídos em escala, de forma a resguardar as dimensões dos fenômenos tais como eles ocorrem na natureza;
- . modelos construídos pelos próprios alunos, dando margem a que eles participem e vivenciem o processo de aquisição do conhecimento de forma criativa;
- . completar o trabalho de sala de aula com visitas ao Planetário, onde terão acesso a recursos visuais mais ricos e informações precisas e simples sobre o tema.

Uma questão metodológica que perpassa este e outros conteúdos é a questão do universo de validade das verdades científicas e sua historicidade, que estão relacionados à questão da mistificação da Ciência e do cientista. Esse tipo de conteúdo suscita com frequência a incredulidade de muitos alunos, motivada pela distância dos fenômenos estudados em relação à experiência pessoal, convicções de cunho religioso ou interpretações de natureza cultural. É necessário perceber que essas idéias estão baseadas em outra ordem de conhecimento, e que o educador não deve julgá-las como erro ou preconceito. Não se trata de desfazer as idéias dos alunos, e sim de confrontar conhecimentos de ordens diferentes. A postura do educador não deve ser a de "dono da verdade", "monopolizador" de um conhecimento inacessível ao aluno, pois esta postura sô faz reforçar autoconceitos negativos, desvalorizar o saber popular e o conhecimento do educando, além de mistificar a Ciência e o cientista. Os questionamentos dos alunos podem propiciar uma conversa sobre a História da Ciência e da Astronomia (tão antiga quanto a escrita ou mais), o aperfeiçoamento do conhecimento científico sobre o Universo ao longo da história, sua relatividade, de forma a desmistificar a Ciência como algo neutro ou atemporal. É uma boa hora para relatar a história de Galileu e a Inquisi-

ção, valorizar o conhecimento empírico que pescadores e camponeses têm dos astros e valorizar o saber popular, dos egípcios e astecas aos dias atuais.

b) Aula elaborada na Vila Mariana, período da tarde.

Tema: Sistema Solar

Justificativa: Através do Sistema Solar o educando terá noções do espaço e do tempo, adquirindo com os movimentos de rotação e translação da Terra as unidades de tempo dia e ano e a consciência do espaço do planeta.

Procedimento:

1º) Extrair da classe o que os educandos sabem sobre o tema (Ex: influência da Lua, aquecimento, etc.).

2º) Introdução teórica feita pelo monitor que permita aos alunos a construção do que seria o Sistema Solar (Sol no centro, planetas girando, cada planeta tem um tamanho, etc.)

3º) Construção de uma maquete do Sistema Solar com massa de modelagem e arame ou papier maché.

4º) Reconstrução/Reciclagem da teoria (teoria aplicada ao modelo construído).

5º) Ida ao Planetário.

6º) Atividades ligadas à ida ao Planetário (Ex.: relatório, entrevista com o locutor com perguntas previamente elaboradas, dramatização).

7º) Painel com discussão após apresentação das atividades, avaliação da classe.

Avaliação: Através de todas as atividades, observando o desenvolvimento/aprendizagem do aluno durante todo o processo.

Comentário da aula:

Consideramos essa unidade de trabalho muito boa, pois dá conta dos três preceitos metodológicos básicos: parte do conhecimento do aluno e o amplia quantitativa e qualitativamente ; propõe uma metodologia ativa, garante condições concretas de aprendizagem, diversificando bastante as técnicas de trabalho.

Achamos necessário fazer algumas observações. A primeira refere-se ao primeiro passo, em que se tenta extrair o conhecimento que o aluno tem do tema. Para que este debate flua de forma positiva deve-se programá-lo melhor, e há muitas formas de fazê-lo: pode-se simplesmente sair com os alunos para um am

biente externo, observar o céu e questionar o que sabem sobre ele; uma história em quadrinhos ou um desenho animado de ficção podem iniciar uma discussão. Dirigindo mais o debate, o monitor pode propor questões, como as sugeridas por outro grupo que abordou o tema na Vila Prudente (noite): Quantas horas tem o dia? Vocês sabem por que a Terra tem uma face clara (em que é dia) e outra escura (em que é noite)? Vocês acham que a Terra está parada ou se move?

Um aspecto importante é a articulação entre essa primeira conversa e a explicação teórica feita pelo professor a seguir, ou seja, é necessário perceber qual o caminho que o saber do aluno aponta para a aquisição e ampliação do conhecimento.

Outro reparo refere-se às atividades posteriores à visita ao Planetário. Dependendo do tamanho da classe, não há por que diversificar as atividades (entrevista, relatório, dramatização, etc.). Os educandos poderiam simplesmente realizar uma entrevista como narrador, e posteriormente redigir um relatório que historiasse o processo de trabalho desde o início, sistematizando os conhecimentos adquiridos e desenvolvendo a técnica de redação coletiva.

c) Aula elaborada na Sé, período da noite.

Tema: Sistema Solar.

Justificativa: Fazer com que o educando perceba que o mundo não é só o planeta Terra.

Procedimento: Introdução individual por parte do monitor, de acordo com a realidade de sua classe. Utilizar as técnicas: slides, mapas, filmes, museus, globo terrestre, planetário, exposição, simulação do Sol e da Terra com esferas e fonte luminosa, texto e exercícios para os educandos.

Avaliação: Exercícios, avaliações parciais e finais, avaliação contínua.

Comentário da aula:

O grupo confundiu recursos, técnicas e procedimentos didáticos e não relatou como seria o começo, meio e fim da aula. Ainda que um monitor tivesse à sua disposição toda a "parafernália" tecnológica prevista (projetores, filmes, slides, material visual, etc.) - o que nos parece difícil na realidade educativa do PEA - o plano não descreve como cada um desses recursos

poderia ser utilizado em prol de uma estratégia didática que atingisse o objetivo, em si mal formulado. Os instrumentos de avaliação sugeridos são vagos, e não fica claro quando e como a aprendizagem será avaliada. Quase sempre um procedimento simples, com poucos recursos didáticos, porém minuciosamente planejado em consonância com os objetivos, mostra-se mais adequado e eficaz do que todo o tecnicismo utilizado sem critérios pedagógicos claros.

2) OS PONTOS CARDEAIS

a) Aula preparada na Penha, período da noite.

Tema: Pontos Cardeais

Justificativa: Escolhemos este conteúdo porque o educando tem a necessidade de se localizar e descobrir lugares onde existam moradias de custos menores, empresas que ofereçam condições de saúde e recursos para sua família.

Procedimento: O educador começaria perguntando aos educandos se alguém entre eles saberia explicar o que são ou quais são os pontos cardeais. A partir daí teria início uma discussão do que vêm a ser esses pontos. Depois de citados os pontos cardeais, partiríamos para a localização dos mesmos. Utilizaríamos um desenho, uma laranja, uma bola, etc. e observaríamos se os educandos conseguiriam localizar sozinhos os Pontos Cardeais. Caso não conseguissem, explicaríamos essa localização, reforçando à medida em que as dúvidas aparecessem.

Nas várias formas de localização citaríamos as que fazemos com o Sol (Pontos Cardeais), Cruzeiro do Sul, bússola e marcos. Localizando o marco zero de São Paulo na Praça da Sé, identificaríamos as zonas da cidade, tornando ao educando mais fácil a localização de seu trabalho, moradia, escola, etc.

Ao final, faríamos uma síntese ou texto sobre o assunto dado.

Avaliação: Questionário oral ou escrito e exercícios de localização em mapas, figuras ou materiais concretos.

Comentário da aula:

Em primeiro lugar achamos conveniente considerar que a justificativa que o grupo estabelece para a escolha do tema é demasiadamente pretenciosa, extrapolando as possibilidades concretas da aprendizagem. O reconhecimento dos Pontos Cardeais colabora na localização espaço-temporal do indivíduo, mas não garante em si a me -

lhoria de suas condições de vida.

Em segundo lugar, é necessário lembrar que esta aprendizagem su põe um prē-requisito: o movimento aparente do Sol e o movimento de rotação da Terra.

Quanto ao desenvolvimento da aula sugerimos que junto com o questionamento sobre "o que são" e "quais são" os Pontos Cardeais, pergunte-se "para que servem", de forma que fique clara a finalidade do sistema de referência e localização estudado. Observe-se também que ao longo da aula não fica claro que os Pontos Cardeais, mais do que um sistema de localização que indica a posição geográfica dos fenômenos no espaço, é um sistema de referência espacial, que indica direções e a posição relativa de um fenômeno em relação a outro. É necessário que o aluno compreenda que a Região Sul do Brasil fica ao Norte da Argentina, que o ponto extremo do Leste do Brasil está a Oeste da África, que a Lapa, mesmo situando-se na Zona Oeste da cidade, localiza-se ao Sul de Perus e ao Norte do Butantã. Os Pontos Cardeais exercitam a flexibilidade e reversibilidade do raciocínio espacial, e aí encontra-se a maior de suas qualidades educativas.

3. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CARTOGRÁFICA

a) Considerações Metodológicas e Didáticas sobre o Ensino dos Sistemas de Referência e Localização e de Cartografia

Logo nos primeiros momentos da Suplência, o educando começará a trabalhar com referências espaciais, localização dos fenômenos no espaço e sua representação gráfica. Aparentemente simples, esse contato exige operações mentais complexas e um razoável grau de abstração e generalização.

Os mapas são uma linguagem simbólica que o aluno não domina, e que deve ser dominada, pois trata-se de um conhecimento auxiliar para quase todas as aprendizagens na área de Estudos Sociais. É necessário que este passo inicial seja bem assimilado.

O primeiro problema didático e metodológico a ser enfrentado é o das escalas espaciais. A experiência de vida dos indivíduos são proporcionais o contato com escalas espaciais limitadas: sua moradia, seu bairro, o local de trabalho, algumas regiões da cidade pelas quais circula, o local de onde migrou ou alguma cidade interiorana onde tem familiares. Todo indivíduo tem uma interiorização dessa vivência e a reconstrução mental desses espaços está carregada de fatores subjetivos. Quase não existem estudos a respeito de como o indivíduo interioriza suas percepções espaciais. Ele sabe que há um "mundo maior" que aquele de sua vivência, mas as escalas desses fenômenos são abstrações, generalizações obtidas a partir de unidades espaciais e de medida conhecidas. É preciso pois criar essas referências a partir do concreto,

do espaço vivenciado e conhecido.

O segundo problema é da representação do espaço através da linguagem cartográfica. O mapa não é desconhecido do adulto, mas ele reconhece apenas o signo, não decodifica a linguagem nem conhece o processo pelo qual ele é elaborado. É necessário "alfabetizá-lo" nesta nova linguagem, refazendo o processo de construção do mapa. A representação cartográfica implica também em um novo problema de escala: a redução proporcional do fenômeno a ser representado no papel.

Para essas aprendizagens propomos uma seqüência didática do menos para o mais amplo, do conhecido e vivenciado para o desconhecido, do concreto para o abstrato.

1ª Etapa: Compreender que o mapa é uma representação plana (bidimensional) de um fenômeno tridimensional, ou seja, uma **projeção plana**. Isso pode ser feito através de um mapa da mão, do corpo, de um objeto em escala natural, através do qual o educando possa perceber que uma das dimensões é "perdida", ou seja, **abstraída**. O educando deve ser chamado a observar também que o resultado é uma **generalização**, na qual os detalhes são deixados de lado (por exemplo: no "mapa da mão" não desenhamos as impressões digitais).

2ª Etapa: Construir a noção de escala de representação, através de uma proposta na qual o fenômeno a ser representado (sala de aula, por exemplo) não caiba no campo de representação (folha de sulfite, por exemplo), obrigando a uma redução. Propor a aquisição de uma técnica de redução na qual as proporções dos fenômenos sejam respeitadas: a redução em escala.

3ª Etapa: Ampliação gradativa da escala do fenômeno a ser estudado e representado. Citamos abaixo uma possível seqüência de escalas de fenômenos e alguns conceitos que podem ser trabalhados em cada etapa.

ESPAÇO -	CONCEITOS CORRELATOS
Escola -	Planta, Escala, Comunidade
Bairro -	Pontos Cardeais, Serviços Públicos, Centro e Periferia, ARs.
Cidade -	Zonas, Município, Limites, Zona Rural e Urbana, Atividades Econômicas (Indústria, Comércio, Serviços).
Estado -	Zona Rural e Urbana, Agricultura, Pecuária, Relações Campo-Cidade (interdependência, migrações).
País -	Federação, Capital, Constituição, Região, Economia, População.

b. Aula preparada em Santo Amaro, período da noite.

Tema: Localização das Regiões Brasileiras

Justificativa: Acreditamos que este tema vai de encontro à expectativa do educando quando procura o recurso, pois ele poderá ter conhecimento de todo o Brasil, podendo visualizar a grandeza do território nacional e os aspectos relacionados a sua economia, cultura e história.

Procedimento:

1º passo: Apresentação dos mapas Mundi, da América, e do Brasil para que o aluno tenha uma visão geral.

2º passo: Transmitir oralmente o significado do mapa, sua função e escala (relacionando o Mapa-Mundi e do Brasil, dividido em Regiões e estados, esclarecendo a relação entre eles).

3º passo: Traçar uma analogia entre a convergência do Mapa-Mundi e as cidades com a convergência entre o bairro em que mora e um comêdo de sua casa.

MUNDO ⇒ AMÉRICA DO SUL ⇒ BRASIL ⇒ REGIÃO ⇒ ESTADO ⇒ CIDADE ⇒ BAIRRO ⇒ VILA
QUARTEIRÃO ⇒ TERRENO ⇒ CASA ⇒ CÔMODO

4º passo: Descrever os estados, correlacionando as capitais, partindo da origem de cada educando e complementando com os demais, a nível de regiões. Enfatizar os nomes das capitais e estados, oralmente e por escrito.

5º passo: Aplicar algumas questões oralmente e por escrito.

Material: Mapas Mundi e do Brasil para exposição e folhas com mapas para os alunos, com ou sem textos.

Comentário da aula:

Retiramos esta aula do grupo sobre as "Regiões Brasileiras" e o incluímos no bloco de "Localização e Cartografia" porque avaliamos que este procedimento rápido e superficial não atinge o objetivo geral de reconhecer e caracterizar as regiões geográficas brasileiras, mas indica um procedimento interessante para localizá-las.

Supondo que em S3 o educando já tenha assimilado o que é um mapa, o 2º passo cumpre uma função de reforço, e o 3º esclarece o problema de escala. O 4º passo, ao relacionar a localização geográfica a uma descrição do local, aproveitando as experiências e conhecimentos dos educandos oriundos de outras Regiões e Estados, auxilia a fixação e motiva a aprendizagem de uma habilida-

b. Aula preparada em Santo Amaro, período da noite.

Tema: Localização das Regiões Brasileiras

Justificativa: Acreditamos que este tema vai de encontro à expectativa do educando quando procura o recurso, pois ele poderá ter conhecimento de todo o Brasil, podendo visualizar a grandeza do território nacional e os aspectos relacionados a sua economia, cultura e história.

Procedimento:

1º passo: Apresentação dos mapas Mundi, da América, e do Brasil para que o aluno tenha uma visão geral.

2º passo: Transmitir oralmente o significado do mapa, sua função e escala (relacionando o Mapa-Mundi e do Brasil, dividido em Regiões e estados, esclarecendo a relação entre eles).

3º passo: Traçar uma analogia entre a convergência do Mapa-Mundi e as cidades com a convergência entre o bairro em que mora e um cômodo de sua casa.

MUNDO ⇒ AMÉRICA DO SUL ⇒ BRASIL ⇒ REGIÃO ⇒ ESTADO ⇒ CIDADE ⇒ BAIRRO ⇒ VILA QUARTEIRÃO ⇒ TERRENO ⇒ CASA ⇒ CÔMODO.

4º passo: Descrever os estados, correlacionando as capitais, partindo da origem de cada educando e complementando com os demais, a nível de regiões. Enfatizar os nomes das capitais e estados, oralmente e por escrito.

5º passo: Aplicar algumas questões oralmente e por escrito.

Material: Mapas Mundi e do Brasil para exposição e folhas com mapas para os alunos, com ou sem textos.

Comentário da aula:

Retiramos esta aula do grupo sobre as "Regiões Brasileiras" e o incluímos no bloco de "Localização e Cartografia" porque avaliamos que este procedimento rápido e superficial não atinge o objetivo geral de reconhecer e caracterizar as regiões geográficas brasileiras, mas indica um procedimento interessante para localizá-las.

Supondo que em S3 o educando já tenha assimilado o que é um mapa, o 2º passo cumpre uma função de reforço, e o 3º esclarece o problema de escala. O 4º passo, ao relacionar a localização geográfica a uma descrição do local, aproveitando as experiências e conhecimentos dos educandos oriundos de outras Regiões e Estados, auxilia a fixação e motiva a aprendizagem de uma habilida-

de que é tratada em geral de forma meramente mecânica. A nosso ver o 5º passo deveria ser substituído por exercícios de localização com reproduções reduzidas dos mapas pelos alunos, para sistematização e fixação da aprendizagem, servindo também como instrumento de avaliação.

b) Aula preparada em Santo Amaro, período da noite.

Tema: Localização da América do Sul, do Brasil, do Estado de São Paulo e do Município de São Paulo

Procedimento: Partimos do pressuposto de que o educando conhece o que é mapa e que tenha noção de uma representatividade de no mapa. Começamos, por exemplo, com o mapa da sala de aula.

Para trabalhar esse conteúdo, partimos, em primeiro lugar, do particular (bairro ou município) para o geral (país, continente).

Nesse caminho, devemos orientar para que sejam localizados os vizinhos próximos, os mais distantes, outros municípios do mesmo estado, o próprio estado, os estados vizinhos, outros Estados, nosso País, os países vizinhos, outros países e o nosso continente.

A nossa intenção é utilizar os mapas com todas essas localizações em uma só aula, para não perder o ritmo, mas se necessário voltar a cada um deles nas aulas seguintes.

Material: Encontramos maior facilidade de obter a atenção do aluno com o auxílio do globo, mapas ou outro tipo de material concreto. Isso facilita a aprendizagem, aumenta a capacidade de visualização e fixa melhor.

Avaliação: As avaliações orais (perguntas, dúvidas, etc.) são feitas diariamente. Com o passar dos dias as avaliações passam a ser em nível de observação por parte do educador, e, como é de caráter obrigatório (sic), é aplicada uma avaliação mensal.

Comentário da aula:

Entendemos que o grupo pressupõe que o aluno já conheça o mapa e saiba interpretá-lo porque isso teria sido trabalhado anteriormente através de plantas simples como a sala de aula. A seqüência do próximo para o distante é a mais adequada para esse tipo de aprendizagem, pois evolui de espaços concretos, limitados e conhecidos para espaços mais amplos, desconhecidos e abstratos, facilitando inclusive a percepção da necessidade de adoção de diferentes escalas de representação cartográfica.

A concentração de todos os mapas em uma única aula sob alegação de "ritmo" só pode ser aceita se o monitor retornar a cada um deles separadamente nas aulas posteriores, pois caso contrário não haverá sistematização e fixação da aprendizagem. A experiência tem nos mostrado que a sistematização e fixação deste tipo de aprendizagem, especialmente com alunos que têm

pouco contato com mapas no cotidiano, sô é possível através de exercícios frequentes e diversificados em que o educando manipule, complete, recorte, pinte e monte seus próprios mapas, permitindo-lhe enfim reconhecer os contornos, identificar os espaços representados e memorizar seus nomes.

Por fim, é necessário considerar que o educador procede à avaliação porque é necessário verificar se a aprendizagem se realizou, em que medida o objetivo foi atingido, e os exercícios citados acima podem servir a essa verificação. A avaliação faz parte do processo pedagógico. Se o sistema de provas unificadas adotado no PEA-FABES é ou não adequado é uma outra discussão, à qual já nos referimos no Relatório Geral.

B. CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO IMEDIATO DO EDUCANDO

1. O BAIRRO

a. Aula preparada na Lapa, período da noite.

Tema: Características e Recursos do Bairro

Justificativa: É um tema que está relacionado à vida, hábitos e realidade do educando.

Procedimento:

- Solicitar aos alunos que escrevam num papel seu nome e endereço completos e recolhê-los.
- Perguntar por que as pessoas quando dão seus endereços às outras ou quando escrevem cartas colocam o bairro onde moram. A seguir levantar o conceito de bairro e para que serve, junto aos alunos.
- Fazer um levantamento na lousa dos bairros em que os alunos moram, anotar os mais comuns e solicitar que os alunos se agrupem de acordo com a proximidade de endereços.
- Cada grupo deverá levantar as características e recursos de cada localidade.
- Reunir, na lousa, todas as características e recursos que os grupos levantaram.
- Pedir aos alunos que digam para que serve cada recurso e classificá-los em educação, saúde, lazer, etc, e também aproveitar para chegar aos conceitos de bairro periférico e central, através da comparação de recursos, características, impostos, reivindicações da comunidade, etc.
- Solicitar aos alunos que digam outros bairros que conhecem e suas características, comparando-os de forma a classificá-los em bairros residenciais, industriais e comerciais.
- A discussão poderá caminhar para Administração Regional ou divisão da cidade em regiões.

Comentário da aula:

Consideramos esta uma boa aula, na qual os conteúdos principais re -

lacionados ao tema são garantidos (conceitos de bairro e suas classificações, recursos, etc.) e o aluno participa ativamente do processo, elaborando conceitos, caracterizando, classificando, podendo exercitar sua crítica ao avaliar a quantidade e qualidade dos serviços públicos dos bairros paulistanos. Talvez falte um exercício de localização dos bairros na cidade.

b. Aula preparada na Penha, período da tarde.

Tema: Bairro

Justificativa: O aluno tem dificuldade de visualizar e assimilar esse conteúdo, que é importante para que ele se situe melhor em seu contexto.

Procedimento:

- Levantamento de conceitos de bairro entre os alunos.
- Divisão da lousa em 2 colunas: bairro onde mora e bairro onde trabalha.
- Colocar esses bairros na lousa representados por pontos, dando idéia da distância existente entre eles, acrescentando outros bairros conhecidos. Englobar esses pontos, fazendo-os perceber que formam uma cidade ou município.
- Dividir esse desenho nos pontos cardeais, explicando porque uma cidade é dividida em zonas.
- Extrair dos alunos a importância da divisão em bairros, dos bairros em ruas e das ruas em números.
- Questionar o que há em um bairro, o que deveria haver, se as zonas da cidade são iguais, porque são diferentes. Solicitar uma avaliação do que entendem por bairro.

Material: Mapa e slides da cidade de São Paulo.

Avaliação: Durante as aulas e através de um desenho em que o educando expresse a idéia de bairro (casas, farmácia, etc.).

Comentário da aula:

Consideramos que o procedimento proposto está um pouco fluido e confuso, não oferecendo segurança de que os objetivos serão garantidos.

Para localizar os bairros no município, seria mais produtivo identificá-los por tachinhas no mapa (previsto no material porém não citado nos procedimentos) do que desenhá-los precariamente na lousa.

O questionamento final, na forma vaga como está sugerido, não garante que os educandos caracterizem os bairros em que vivem e trabalham, os comparem e classifiquem.

Os slides citados no material alimentariam essa discussão, mas não estão previstos no procedimento.

Quanto à avaliação, ela se restringe a uma noção genérica de bairro, e poderia ser mais rica se fosse uma construção tridimensional com sucata

do que um desenho.

2. CIDADE

a. Aula preparada na Vila Prudente, período da tarde.

Tema: Características e Recursos da Cidade de São Paulo (priorizando os recursos de Saúde).

Procedimento: O monitor propõe a um grupo de alunos que dramatize a seguinte situação: à noite, em um bairro de periferia, uma mulher passa mal de saúde; o marido pede auxílio ao vizinho; nenhum deles possui carro e não há telefone próximo; eles correm até a avenida mais próxima aguardando carona. A dramatização tem a função de concretizar uma situação problema e motivar os alunos para uma discussão em torno da pergunta: Será que eles conseguiram ou não ser socorridos? A partir das opiniões sobre esta questão o monitor orienta o debate sobre a necessidade dos recursos de saúde (postos, pronto-socorro e hospitais), sua distribuição na cidade (escassez na periferia) e sobre a problemática que envolve os serviços de saúde públicos e privados. O debate deve convergir para a necessidade de organização da comunidade para reivindicar os serviços essenciais. O monitor deve aproveitar para informar sobre órgãos e entidades públicos ou comunitários que prestam serviços de saúde (Ex: Casa da Mulher) e transmitir experiências de organização bem sucedidas de outras comunidades.

Comentário da aula:

Avaliamos que esta é uma boa aula pois que propicia a reflexão sobre os recursos de saúde, transporte e comunicação da cidade, sua distribuição entre os bairros centrais e periféricos e que ressalta a necessidade de organização das comunidades, envolvendo os educandos através da proposição de uma situação-problema. A avaliação poderia ser feita através da dramatização ou redação do "final da história da mulher doente", em que os elementos da discussão fossem incorporados.

b. Aula preparada na Vila Prudente, à noite.

Tema: A população da cidade de São Paulo, correntes migratórias e influências culturais.

Justificativa: Situar o educando no meio em que vive, como agente integrante e participante da população, abordando as dificuldades de adaptação do migrante no contexto da cidade.

Procedimento: Partindo de uma fotografia do centro da cidade (Praça da Sé ou Viaduto do Chá) o monitor inicia um questionamento dos educandos: Vocês conhecem o local? Quem já foi lá? O que tem lá e o que mais lhes chamou a atenção? Como são

as pessoas que passam por lá? Quais as suas origens?

A partir de um levantamento oral sobre a procedência dos educandos, o monitor conduz a discussão para que se conclua sobre a heterogeneidade da população da cidade de São Paulo.

O monitor levanta questões sobre as dificuldades encontradas pelos educandos migrantes em sua adaptação na cidade de São Paulo, provenientes de padrões culturais diferentes, e propõe paralelos entre as diversas culturas abordadas.

Material. Foto do centro da cidade, cartolinas, tesouras, cola, revistas e jornais velhos.

Avaliação: Avaliação durante o processo da participação dos alunos nas discussões e trabalho em grupos, em que os alunos deverão elaborar cartazes sobre a cidade de São Paulo, procurando abordar os aspectos trabalhados. Cada grupo deverá elaborar uma história sobre o respectivo cartaz e relatá-la oralmente.

Comentário da aula:

Essa aula pode colaborar para que os alunos construam o conceito de cultura, mas isso depende de acertos no encaminhamento dado. As dificuldades de adaptação do migrante na cidade de São Paulo são mais de ordem sócio-econômica (emprego, moradia, etc.) que cultural. Se o monitor deseja conduzir o debate para os aspectos populacionais e culturais ele deve propor questões que o encaminhem neste sentido.

A principal limitação que esta aula (e várias outras aulas preparadas) apresenta é que ela não evolui muito além do senso comum, da constatação de fatos já conhecidos. Talvez por isto muitos alunos desvalorizem os Estudos Sociais em relação a disciplinas como Português ou Matemática. Quando os alunos emitem juízos como "Estudos Sociais é só conversa" ou "não tem importância", eles podem no fundo estar detectando que esse estudo não lhes acrescenta novos conhecimentos e uma compreensão mais profunda da realidade. A constatação de problemas é algo que a própria realidade impõe aos educandos. É preciso ampliar o conhecimento no sentido da compreensão das causas e conseqüências mais profundas dos fenômenos relativos à sua vida social. Os nossos educandos são migrantes provenientes do campo e do Nordeste, e as causas de sua migração estão ligadas à estrutura fundiária, à mudança das relações de trabalho decorrente da penetração do capitalismo no campo, da prevalência do capital industrial-financeiro no capitalismo moderno e da sua necessidade de formação e reprodução constante de um contingente de força de trabalho barata. Está ligada também ao fato de que a atividade industrial é um fenômeno urbano e concentrado, e que o desenvolvimento capitalista brasileiro tende a concentrar o capital numa região em detrimento de outras. A marginalização sócio-cultural do migrante na metrópole está associada à velocidade e à forma como vem se dando o processo de urbanização, em

que a problemática social é subordinada à dinâmica de acumulação do capital e a estrutura social que se estabelece é caracterizada por forte concentração de renda.

É nesta lógica do sistema que interessa introduzir o educando, podendo assim levá-lo além das constatações do senso comum. A aula que se segue evolui positivamente neste sentido.

3. O ESTADO

a. Aula preparada na Vila Prudente, período da noite.

Tema: Confronto das condições de vida da população nas diferentes regiões do estado de São Paulo.

Justificativa: Esse tema dá condições a que o aluno conheça e entenda as causas do êxodo rural (condições precárias de vida no campo) e da "super-população" da cidade de São Paulo (desemprego, sub-emprego, marginalização).

Procedimentos:

1ª aula

1. Perguntar aos alunos sobre o lugar de onde vieram e por que vieram para cá.
2. Levantar as impressões que tiveram ao chegar. O monitor encaminha a discussão para as decepções com a migração: desemprego, instabilidade no emprego, baixos salários, precárias condições de habitação e saúde, etc.
3. O monitor procura um "gancho" para relacionar as migrações de outras regiões com a migração interna no Estado: "Será que não acontece a mesma coisa dentro do Estado de São Paulo?"

2ª aula: Tem por objetivo desenvolver conceitos relativos à zona rural.

1. Formação de grupos e distribuição de notícias de jornal, figuras e recortes que ilustrem as condições de trabalho no campo.
2. O monitor juntamente com os educandos relacionam os seguintes aspectos:
 - exploração do trabalhador rural, especialmente do bóia-fria;
 - reivindicações dos trabalhadores rurais (salários, estabilidade, condições de trabalho);
 - não são proprietários (nunca foram ou foram pequenos proprietários cujas terras foram absorvidas pelas grandes propriedades);
 - são empregados: são assalariados como o operário da cidade, porém têm menos direitos e recursos que o trabalhador urbano.
3. Solução para tais trabalhadores:
 - continuar vivendo assim;
 - Reforma Agrária;
 - transformar-se em posseiros;
 - migrar para grandes cidades.

Conseqüências:

- "superpopulação" nos grandes centros;
- desemprego e subemprego;
- problemas de habitação (favelas e cortiços);
- marginalização social.

3ª aula: Elaboração de frases pelos alunos com as palavras: CAMPO, SALÁRIO, BÓIA-FRIA, CIDADE, GRANDE PROPRIETÁRIO, POSSEIRO, DESEMPREGO e outras consideradas importantes pelo monitor.

4ª aula: Montagem de texto pelo monitor utilizando as frases dos alunos e complementando informações, se necessário.

Material: Recortes de jornais que enfoquem os bóias-frias e demais trabalhadores paulistas do campo, figuras ilustrativas, texto, mapas.

Avaliação: Através das frases formuladas pelos alunos.

Comentário da aula:

Essas aulas têm a grande qualidade de, mais do que constatar a situação do migrante, evidenciar os fatores de repulsão no campo e apontar as causas do êxodo rural, bem como as conseqüências mais amplas da migração (vide comentário da aula anterior). Para garantir essas qualidades, entretanto, é preciso detalhar o procedimento da 2ª aula, na qual não fica claro como os grupos chegarão aos aspectos destacados. Sugerimos a elaboração de um roteiro de trabalho em grupo. Para o item 2 (condições de trabalho no campo), o monitor poderia utilizar um roteiro similar ao da aula B1 elaborada na Lapa, item 3, ou o monitor dirige o debate (para o qual deve estar bem instrumentado), ou cria uma dinâmica na qual as opções (continuidade, êxodo, reforma agrária, invasão de terras) possam ser conhecidas e analisadas.

Outra sugestão refere-se ao texto. O monitor não precisa, necessariamente, ser o autor do texto final. Ele pode imprimir ou colocar na lousa as frases elaboradas pelos alunos, propor um título geral e um exercício de redação. E a melhor redação pode transformar-se no texto. Pode também utilizar a técnica de redação coletiva, já descrita em outra aula.

b. Aula preparada em Santo Amaro, período da noite

Tema: Estado de São Paulo

Justificativa: Por ser uma questão abrangente e por se tratar de um espaço em que o educando vive.

Procedimento: O procedimento está previsto para 4 aulas.

1ª- Dar textos aos educandos e pedir que eles leiam em casa, anotando as dúvidas para que sejam discutidas em aula.

2ª- Explicação do texto, esclarecendo dúvidas. Questionário com respostas em grupo.

3ª- Localização no mapa, cada educando com o seu.

4ª- Debate

Material: Texto sobre São Paulo, sob os aspectos social, econômico e geográfico. Mapa do Brasil dividido em estados, lápis de cor.

Comentário da aula:

Esta aula não incorpora nenhuma das preocupações metodológicas do treinamento, pois não parte nem incorpora o conhecimento que o educando tem da realidade, a metodologia não é ativa e sim passiva (o educando recebe um conhecimento pronto, "digere" e "devolve" sob a forma de um questionário). Na verdade trata-se de uma proposta absolutamente convencional de trabalho com texto. Como o grupo não especifica o conteúdo do texto, itens que seriam ressaltados, etc, só se pode pensar em um texto didático convencional. Também não especificam que tipo de questões orientariam o trabalho em grupos. Se forem questões de entendimento do texto, não há motivo para respondê-las em grupo. Só se justifica o trabalho em grupo se existir uma tarefa que exija a troca de idéias e experiências. Caso contrário o trabalho em grupo representa modismo ou como-dismo do educando e do monitor que terá menos tarefas para corrigir. Por fim, propõe-se um debate sem sugerir sua motivação, o problema que se pretende debater. A participação do aluno fica relegada a esse plano final indefinido, parecendo mais um adorno do que um elemento intrínseco à prática educativa.

4. ATIVIDADES ECONÔMICAS

a. Aula preparada na Vila Mariana, período da noite

Tema: Atividades Econômicas - Indústria

Justificativa: Assunto relativamente fácil de ser abordado e que supõe-se, esteja ligado intimamente à vida da clientela. Também porque a realidade econômica em que vivemos reflete muito dessa atividade.

Procedimentos:

1ª aula

- 1) Abordagem :relacionar o produto ao processo. Ex: questionar de onde vem um lápis e como ele chegou a ser lápis.
- 2) Depoimento dos alunos: solicitar a alunos que tenham experiência em indústria para que contem como é o processo de fabricação de um produto (Ex: fabricação de alimentos enlatados).
- 3) Recorte de jornais e revistas: propor que os alunos recortem **todas** as reportagens e artigos relacionados à indústria.
- 4) Montar murais separados por assuntos: reivindicação dos trabalhadores das indústrias, multinacionais, poluição, etc.

2ª aula - Discutir cada aspecto dos murais

1) Reivindicações: evidenciar relação patrão-empregado, analisar condições de trabalho e salário, realçar importância do trabalhador na produção.

2) Indústria e meio-ambiente (Ex: Cubatão).

3) Competição entre pequenas e grandes empresas.

Avaliação: Promover uma visita a uma fábrica após ter preparado em conjunto com a classe um roteiro de visita.

Comentário da aula:

As aulas são muito interessantes pois permitem que o educando reflita sobre a atividade industrial sob vários ângulos: o processo de produção, a relação de trabalho, a questão ambiental, etc. O reparo que temos a fazer refere-se à visita à fábrica que está prevista a título de avaliação. A nosso ver, a visita faz parte do processo de aprendizagem e é o momento no qual ele poderá verificar na prática os aspectos discutidos teoricamente. O roteiro de visita pode conter questões aos operários sobre suas condições de trabalho e de salário, as funções exercidas na linha de produção; questões aos técnicos da empresa sobre o processo de produção e controle de poluição; questões aos vizinhos sobre poluição atmosférica, sonora, etc; questões aos administradores da empresa sobre o porte da empresa e sua competitividade no mercado, etc. Para que a visita seja produtiva, além do roteiro, é necessário processar em sala de aula os dados e observações realizados. Deste processamento pode resultar um relatório final em que os educandos redijam conclusões sobre os aspectos estudados. Neste momento, pode-se pedir que os alunos formulem o conceito de indústria, que foi sendo construído ao longo do processo, mas ainda não foi formalizado. A este relatório conclusivo pode ser dado o caráter de avaliação da aprendizagem, pois ele encerra essa etapa do processo.

b. Aula preparada na SÉ, período da tarde.

Tema: Atividades Econômicas - Comércio e Indústria

Justificativa: Partimos do pressuposto que, para um melhor entendimento devemos partir da vivência do educando. Levamos em conta que sua subsistência depende da realidade econômica em que está inserido, exercendo atividades como o comércio, a indústria e os serviços.

Procedimento: Através de um questionamento levantam-se as atividades econômicas exercidas pelos educandos, colocando-os na lousa. Após isso, tentaremos aprofundar com os alunos suas relações de trabalho: o que eles produzem, como produzem, condições de trabalho, materiais que utilizam no trabalho e suas origens,

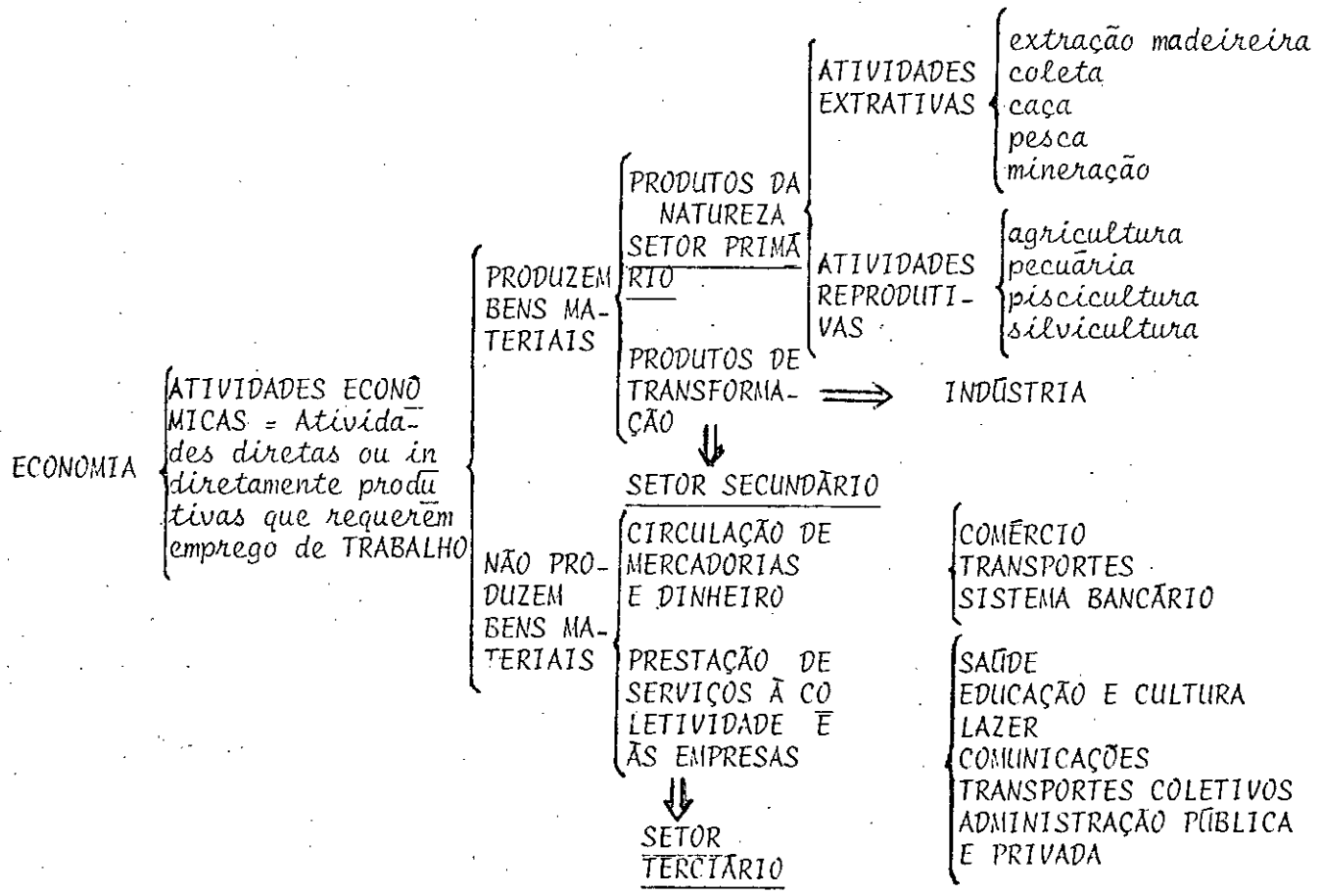
etc. Depois destes levantamentos de dados e discussões, tentaremos levar o aluno a chegar nos conceitos das divisões dessas várias profissões em setores: primário, secundário e terciário, possibilitando que o aluno possa se situar e compreender a classificação formal das profissões e setores econômicos.

No final da aula pede-se aos alunos que coletem recortes e informações de jornais, livros e revistas para a próxima aula. Nesta aula serão feitos cartazes.

Avaliação: Exercícios de fixação e redação dos conceitos das atividades econômicas.

Comentário da aula:

O procedimento como um todo é interessante, embora convencional. A grande dificuldade reside em **como** levar o aluno a inferir a classificação das atividades econômicas em setores. A experiência tem nos mostrado que o aluno só assimila uma **classificação** se ele compreende o **critério** que está sendo utilizado para dividir o conjunto maior em subconjuntos. No caso, o critério é relativamente simples. Tendo compreendido que as atividades econômicas são aquelas direta ou indiretamente produtivas que envolvem trabalho, é possível distinguir aquelas que geram bens materiais daquelas que não geram bens materiais. Dentre as que geram bens materiais, é possível distinguir aquelas cujo produto é um bem da natureza daquelas cujo produto é fruto de transformação através de máquinas e tecnologia criadas pelo homem. A partir daí o educando compreende os três setores econômicos: primário, secundário, terciário.



Possivelmente a forma mais simples do educando perceber a interdependência entre os setores econômicos é através da relação produto-processo, ou seja, observando todo o processo de produção de uma mercadoria, desde a matéria-prima até a comercialização. Costumamos desenhar uma história em quadrinhos descrevendo esse processo, em que o aluno aplica os critérios acima expostos para classificar cada atividade, e onde ele percebe que há três níveis de relação com a natureza através do trabalho: um PRIMÁRIO, no qual o produto é um bem da própria natureza, um SECUNDÁRIO, no qual a natureza é transformada em novos bens criados pelo homem, e um TERCIÁRIO, que subsidia e complementa os demais.

C. CONCEITOS DE ZONA RURAL E URBANA, MUNICÍPIO; ESTADO, PAÍS, E REGIÃO GEOGRÁFICA.

1. Aula preparada na Lapa, período da tarde.

Tema: Condições de trabalho no campo e na cidade, relação entre patrão e empregado.

Justificativa: Através desses conteúdos podemos trabalhar os conceitos de economia, espaço e poder.

Procedimentos:

1. Divisão da lousa em dois setores: trabalho no campo e trabalho na cidade.

2. O monitor pede à classe que diga sua procedência (campo ou cidade) e como era o seu trabalho. Para quem trabalhou no campo e hoje trabalha na cidade, pedir os dois relatos.

3. O monitor deve orientar os relatos com perguntas do tipo:

- De onde vocês vieram?
- Onde trabalhavam?
- Como trabalhava ou trabalhou?
- Que instrumentos e equipamentos usam?
- De quem são esses instrumentos e equipamentos?
- Qual o horário de trabalho?
- Qual a forma de pagamento?
- Tem (ou tinha) carteira assinada?
- Qual o destino da produção?
- Com quem fica a produção do seu trabalho?

4. O monitor arrola os relatos na lousa, organizando-os por itens, introduzindo vocabulário.

Ex: atividade econômica: agricultura (lavrador); pecuária (boiadeiro)
meios de produção: terra, enxada, etc.

condições de trabalho: empregado sem carteira assinada

5. Trabalho em grupo onde os alunos deverão arrolar e discutir as diferenças e semelhanças do trabalho no campo e na cidade.

6. Cada grupo deverá fazer um relato de sua discussão para toda a classe. A partir dos relatos, o monitor monta um painel na lousa ou em cartazes que ficarão expostos na classe.

Material:

- Material de sala de aula: lousa, giz, caderno, lápis, etc.
- Texto (na lousa ou mimeografado): letra de Morro Velho de Milton Nascimento.
- Fita gravada com a música.
- Gravador

MORRO VELHO

Milton Nascimento

No sertão da minha terra
 Fazenda é o camarada que ao chão se deu
 Fez a obrigação com força
 Parece até que tudo ali é seu
 Só poder sentar no morro
 É ver tudo verdinho, lindo a crescer
 Orgulhoso camarada, de viola em vez de enxada

Filho do branco e do preto
 Correndo pela estrada atrás de passarinho
 Pela plantação adentro
 Crescendo os dois meninos, sempre pequeninos
 Peixe bom dá no riacho
 de água tão limpinha, dá pro fundo ver
 Orgulhoso camarada, conta histórias pra moçada

Filho do sinhô vai embora
 Tempo de estudos na cidade grande
 Parte, tem os olhos tristes
 Deixando o companheiro na estação distante:
 "Não esqueça, amigo, eu vou voltar"
 Some longe o trenzinho ao deus-dará

Quando volta, já é outro
 Trouxe até sinhã-mocinha para apresentar
 Linda, como a luz da lua
 Que em lugar nenhum rebrilha como lá
 Já tem nome de doutor
 E agora na fazenda é quem vai mandar
 E seu velho camarada já não brinca
 mas trabalha

Avaliação: A avaliação pode ser feita na mesma aula ou na aula seguinte com a audição da música e a interpretação de sua letra

Comentário da aula:

A aula é excelente pois parte do conhecimento do educando e o amplia quantitativa e qualitativamente, dirigindo os relatos de forma a favorecer a classificação dos fatos citados e introduzir um vocabulário específico (meio de produção, atividade econômica, relação de trabalho). A única gestão que temos a fazer é de que os próprios alunos, e não o monitor, realizem os cartazes do sexto passo, com as semelhanças e diferenças do campo e da cidade. A avaliação é bastante criativa e desafiadora para o educando: ao mesmo tempo que oferece uma dificuldade a ser enfrentada (a interpretação do poema), oferece um espaço lúdico (a audição da música) e de integração social (cantar junto).

2. Aula preparada na Vila Prudente, período da noite.

Tema: Zona Rural e Urbana

Justificativa: É um conteúdo básico para a matéria Estudos Sociais, e dá condições para a grande troca de experiências entre os educandos.

Procedimento: Divide-se a sala em dois grupos: um dos grupos assume o papel de pessoas que vivem no campo e o outro grupo o de quem vive na cidade. Os grupos devem agir como se desconhecem o espaço do outro, e propõe-se que eles troquem informações sobre os mesmos em torno dos seguintes aspectos: o que é o campo e a cidade, como é, porque vivem aí, como é a população, seu modo de vida, características, recursos, paisagem, etc.

Essa aprendizagem é verificada da seguinte forma: o monitor fornece material para a confecção de cartazes sobre o campo e a cidade, sendo que o grupo que desempenhou o papel de habitantes da cidade fará o cartaz sobre o campo, e o grupo que desempenhou o papel de habitantes do campo realiza cartaz sobre a cidade.

O monitor complementa nos aspectos que julgar necessários. Faz-se uma síntese.

Comentário da aula:

O procedimento proposto pelo grupo é simples e capaz de desenvolver o conteúdo a partir da vivência dos alunos, organizando-a de forma a evoluir alguns passos além do senso comum e satisfazendo o objetivo, que é a construção dos conceitos de zona urbana e rural.

A questão que fazemos é: como realizar a síntese final? Acreditamos que se o monitor realizar a síntese sozinho estará perdendo a oportunidade de desenvolver a técnica da redação com os educandos. Sugerimos que a partir da análise dos cartazes o monitor junto com a classe defina a

"palavras-chave" que caracterizam um e outro espaço, colocando-as em duas colunas na lousa, propondo então que os educandos construam frases ou pequenos textos com estas palavras. A partir destas frases pode-se compor um texto de síntese coletivamente.

3. Aula preparada na SÉ, período da noite

Tema: Confronto das condições de vida nas diferentes regiões do estado e das condições de trabalho do campo e da cidade.

Justificativa: Devido ao grande número de migrantes presentes nos nossos cursos, propiciando uma reflexão sobre a realidade da vida no campo e na cidade.

Procedimento: O procedimento adotado seria a motivação para um debate sobre o tema "diferenças regionais", procurando a participação da classe (que na grande maioria das vezes é composta por elementos de diversas regiões) através de perguntas:

- Quem veio de outros municípios?
- Como era esse lugar?
- Você morava no campo ou na cidade?
- Quais as dificuldades que você encontrava lá?
- Como era o trabalho lá?
- Quem sempre morou ou conhece bem a nossa cidade, quais as dificuldades e vantagens de viver aqui?
- Como é o trabalho aqui?

O monitor arrola as respostas na lousa, estabelecendo as condições de vida e de trabalho no campo e na cidade, procurando enfatizar a necessidade do trabalhador rural e o seu não reconhecimento por parte do governo e pela população, procurando relacionar também a falta de uma legislação específica conveniente ao trabalhador rural. O monitor pode também pedir aos alunos que tragam notícias de jornais e revistas sobre reforma agrária, reformulação das leis de greve, para que sejam debatidas.

Material: Giz, lousa, "voz" e subsídio técnico para que o monitor tenha condições de direcionar o debate.

Avaliação: Fornecer pequeno texto que aborde as características físicas de um local para serem identificadas quanto a ser campo ou cidade. Aplicar exercícios em que os alunos devam estabelecer diferenças entre o trabalho do campo e da cidade, no que se refere à segurança e valorização dos mesmos.

Comentário da aula:

Esta aula tem uma qualidade básica que é a de refletir sobre a interdependência entre o campo e a cidade e sobre as causas e conseqüências das migrações, uma vez que o objetivo do educador ao tratar deste tema é

desvendar as relações entre a estrutura fundiárias e as relações de trabalho no campo (fatores de repulsão da população rural), o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos e a marginalização social do migrante (conseqüências do êxodo rural). O procedimento, no entanto, resume-se a um debate, ou uma sucessão de debates, dirigidos pelo monitor. Ele requer, portanto, que o monitor esteja muito bem preparado para comentar todos os assuntos que o debate sugerir, mantendo a diretividade do mesmo. (Neste sentido o grupo foi coerente ao sugerir como material um subsídio ao monitor). Se o monitor não está seguro para dirigir um debate tão aberto, é preferível que ele mesmo selecione notícias sobre pontos específicos (condições de trabalho dos bóias-frias, dos operários da construção civil, reforma agrária, direito de greve, etc.) e faça um roteiro para que os alunos tenham critérios de comparação e cheguem a conclusões próprias através de discussões em grupos. A criticidade não é algo que se adquire "de fora para dentro", ou seja, o aluno não desenvolve uma capacidade de crítica se ele próprio não a exercitar. Muitos educadores, supondo estar realizando um trabalho de "conscientização", emitem seus valores sobre a realidade mas não propiciam que o educando formule seus próprios valores críticos.

Neste sentido julgamos oportuna a leitura e discussão dos textos "Sobre a questão da conscientização", anexados ao final do caderno.

4. Aula preparada na Vila Mariana, período da noite

Tema: Zona Rural e Urbana

Justificativa: É um tema que vai de encontro à vivência do cotidiano, pois a maioria dos educandos é migrante.

Procedimento: Inicialmente o monitor, com o objetivo de introduzir o assunto, explicará o que é zona urbana e zona rural (Conceitos). A seguir, o monitor pedirá à classe que participe, contando fatos de sua própria experiência. O monitor auxiliará complementando, mostrando fotos, slides, e pedindo que os alunos pesquisem em revistas e realizem cartazes. O monitor arrolará as principais características levantadas, dispondo-as em um quadro comparativo. A seguir, monitores e alunos comentarão as vantagens, desvantagens e conseqüências da migração. Os cartazes serão expostos ao lado do quadro.

Avaliação: Esse trabalho está previsto para no mínimo duas aulas. Depois desse período existirão novas situações de diálogo sobre esse assunto, onde o monitor poderá avaliar a aprendizagem através da participação do aluno. Serão propostos exercícios e, no final, uma avaliação formal (prova).

Comentário da aula:

A crítica que fazemos a estas aulas é que o monitor toma para si as

principais tarefas do processo, antecipando-se a uma elaboração intelectual do aluno. Se o monitor emite logo de início os conceitos, os alunos não participam dessa construção e dificilmente os incorporam como algo que pertença ao seu próprio conhecimento; se é o monitor que elabora as características dos espaços urbano e rural e o quadro comparativo, os alunos são poupados do exercício de classificação e comparação, perdendo a oportunidade de desenvolver essas operações mentais. Ambas as tarefas estão ao alcance dos educandos, e o procedimento poderia ser invertido, começando pelos depoimentos pessoais, passando pela elaboração dos cartazes do quadro comparativo e desembocando na redação dos conceitos pelos próprios alunos. A proposta tornar-se-ia mais desafiadora e propiciaria um papel mais ativo ao educando no processo de aquisição do conhecimento.

5. Aula preparada na Penha, período da noite.

Tema: Conceito de Município e localização do Município de São Paulo

Justificativa: Necessidade que o educando tem de localizar-se no espaço em que vive, para sua locomoção e atuação neste espaço. A partir de então o educando terá condições de transferir e abstrair esse conhecimento.

Procedimento:

1º passo - O monitor comunica à classe o tema e o objetivo que se pretende atingir.

2º passo - Solicitar que cada aluno desenhe no caderno o percurso de sua casa até a escola, colocando as principais ruas com seus respectivos nomes e os principais pontos de referência (estabelecimentos comerciais, igrejas, postos de saúde, escolas, etc.). O monitor acompanhará o desenvolvimento da atividade observando as dificuldades dos alunos.

3º passo - Solicitar que um aluno faça o seu desenho na lousa.

4º passo - A partir do desenho na lousa, retomar as dificuldades dos alunos e introduzir a noção de bairro e a noção de direção a partir de um ponto de referência.

5º passo - Utilizando o mapa da cidade de São Paulo, identificar os diferentes bairros e as respectivas regiões, introduzindo os pontos cardeais.

Observação: a aula seguinte seria sobre os conceitos de Município, Zona Rural e Zona Urbana.

Material: Mapa da cidade de São Paulo e cartaz da Rosa dos Ventos, giz e lousa.

Avaliação: Seria em dois momentos, no primeiro, através da observação e da participação do aluno na aula. No segundo, através de um exercício em que o aluno tivesse que localizar em um desenho impresso determinados pontos de referência e, em seguida, relacionar esses pontos de referência com os pontos cardeais.

Comentário da aula:

Em primeiro lugar, achamos que seria bom evidenciar que os desenhos dos alunos são plantas, mapas, aproveitando para explorar o que é mapa (representação, escala) antes de continuar. Nesse trajeto, o monitor poderia sugerir a adoção de símbolos e introduzir a legenda no mapa.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que a aprendizagem dos Pontos Cardeais, embora esteja colocada em um momento oportuno, requer um trabalho específico (vide comentário da aula A2a sobre este tema).

Na parte referente à noção de bairro, é importante abordar a problemática dos recursos existentes no bairro, suas carências, a participação da comunidade, administrações regionais, etc., através de um roteiro de questões como o que se segue:

- O que tem e o que não tem no bairro?
- O que tem e você não aproveita? Por quê?
- Há semelhanças e diferenças entre os bairros de São Paulo?
Quais são? Porque elas existem?
- Quem cuida de seu bairro?
- Onde e como a população de seu bairro pode reclamar dos problemas?

Enfim, esta aula poderia ser desdobrada em duas ou mais aulas sobre mapas, pontos cardiais, bairros centrais e periféricos, serviços, cidade, zonas da cidade, integrados em uma única unidade, em que um tema vai "puxando" o outro. Às vezes o monitor, premido pelo tempo disponível tende a tratar simultânea e superficialmente vários temas, não aproveitando a oportunidade para explorar os aspectos positivos que cada tema traz para a aprendizagem como um todo, e correndo o risco de "passar por cima" das dificuldades que cada aspecto oferece ao educando.

D. CARACTERÍSTICAS DAS REGIÕES BRASILEIRAS, DESEQUILÍBRIOS NA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO, MIGRAÇÕES, EXÔDO RURAL E URBANIZAÇÃO

1. Aula preparada na Lapa, período da noite

Tema: Regiões Brasileiras: características e Divisão Regional do Brasil.

Justificativa: Identificação da realidade migratória

Procedimento: Levantar as origens de cada educando, registrando na lousa e estimulando o conhecimento cultural de cada um. Formar grupos que se identifiquem por regiões. Cada grupo deve trazer em uma outra aula materiais que identifiquem a respectiva região (comida típica, danças, músicas, poesias, costume, etc.). Nessa outra aula, realizar exposição dos elementos regionais. Formular conceito de região e expor divisão nos mapas.

Avaliação: Após outras aulas pedir que os alunos relatem, individualmente o que assimilou sobre as regiões.

Comentário da aula:

Esta aula, como outras deste caderno, tem a qualidade de partir da da experiência e conhecimento que o educando tem do tema, propondo uma atividade de "aquecimento" interessante, mas não evolui no sentido de ampliar quantitativa e qualitativamente esse conhecimento. Socializar a experiência do grupo é um passo essencial do trabalho, mas não se deve parar por aí. O procedimento garante apenas o estabelecimento de um patamar comum mínimo de conhecimento do grupo sobre as regiões brasileiras, que se aproxima do senso comum. Há uma lacuna muito grande entre essa atividade proposta e o objetivo que é a caracterização das regiões brasileiras. O procedimento na forma como está proposto, não garante também que o aluno formule o conceito de região. A própria justificativa elaborada pelo grupo que é "identificar a realidade migratória" é limitada. Os alunos já sabem que são migrantes. É preciso aprofundar esse conhecimento em três direções: uma é a construção do conceito de região geográfica pelo aluno, outra é a caracterização das regiões em seus múltiplos aspectos (quadro natural, economia, população, etc.) e a terceira é exatamente a análise das disparidades regionais e dos fatores de repulsão e atração que provocam as migrações. Creemos que a aula por nós preparada para o treinamento dos técnicos e que inicia com um procedimento semelhante a esta, evolui positivamente em alguns desses sentidos, bem como algumas que compõem este caderno. Observem-nas e façam as comparações.

2. Aula preparada na SÉ, período da tarde.

Tema: Características das Regiões Brasileiras

- a) as atividades econômicas e seus produtos
- b) aspectos geográficos gerais: relevo, hidrografia, clima e vegetação

Justificativa: Estamos partindo de aspectos que são do conhecimento dos alunos (vivência), que provêm das mais diversas regiões.

Procedimento: Iniciar com uma conversa sobre: como é a cidade que você nasceu? tem rios? chove muito? como é a agricultura? o solo é plano? Depois que todos falarem o monitor fala da sua cidade na tal, que é São Paulo: o que é que tem em São Paulo? rios, plantações, comércio, prédios? Vocês trabalham em quê? Após essa introdução o monitor utiliza-se do mapa do Brasil e demonstra as regiões. Feito isso, colocaríamos um resumo escrito com as definições, os nomes das regiões brasileiras e explicaríamos uma região por aula.

Avaliação: através de perguntas orais e questionários em classe e depois aplicaríamos uma prova mensal.

Comentário da aula:

O esforço de envolver os alunos na lembrança de como era o seu lugar nos mais diferentes aspectos e o conteúdo trazido por eles são desperdiçados logo em seguida quando o monitor passa a fazer "um resumo escrito com as definições". O aquecimento da memória acaba ficando sem sentido se é o monitor quem vai formular o conceito de região. Partindo do conhecimento trazido, o monitor deveria continuar na sua exploração, procurando ampliá-lo e construindo o conceito com os alunos. A justificativa colocada na escolha do tema é trabalhada apenas na aparência, pois o conhecimento que o aluno tem, colocado no começo da aula, encobre o verdadeiro ponto de partida, que é a visão do professor sobre o assunto. Além disso, o preceito metodológico "partir da realidade do aluno" não deve ser entendido somente como um primeiro passo, início de conversa, um começo de aula. Mais que isto significa partir do lugar onde os alunos estão, a maneira como percebem e interpretam o mundo para que possam, no decorrer da aprendizagem, saber melhor o que já sabem e participar na construção do saber ao qual ainda não tiveram acesso.

3. Aula preparada na Penha, período da noite.

Tema: Características Culturais dentro das Regiões Brasileiras

Justificativa: Porque esse conteúdo integra o homem com todos os fenômenos sociais existentes.

Procedimento:

1ª aula

a) Abordagem do tema com a definição do termo **cultura**.

b) Discussão geral entre os educandos e educador cada um contribuindo de acordo com sua experiência de vida.

2ª aula

a) Reunir os alunos em grupo dividindo as regiões entre eles para que possam pesquisar, elaborar e apresentar um trabalho.

b) O educador condensa as informações elaborando uma síntese.

3ª aula: Atividade extra-classe (visita ao museu do folclore).

Avaliação: A aprendizagem poderá ser avaliada num processo contínuo através do comportamento do educando desde a elaboração até a apresentação do trabalho.

Comentário da aula:

Escolhemos essa aula porque ela foca um conceito importante que é o de **cultura**. Há vários caminhos possíveis para o desenvolvimento desse conceito. O aluno pode, por exemplo, chegar a inferir o conceito através de observação e comparação de diferenças no estudo de regiões brasileiras.

Outro caminho, mais parecido com o que o grupo propôs é o de trabalhar o conceito e depois ver como ele se aplica nas diferentes regiões. De qualquer jeito, não é um bom começo o professor iniciar definindo o que é cultura porque aí só resta ao aluno decorar a definição do professor. O conceito de cultura está relacionado ao de trabalho e necessidade. Quando os homens criam algo para satisfazer suas necessidades estão fazendo cultura. Em Educação como Prática da Liberdade, Paulo Freire nos mostra a abordagem desse conceito num círculo de cultura onde a partir da observação de uma situação mostrada numa figura, o animador vai procurando distinguir o mundo da natureza do mundo da cultura.

Sobre a proposta de "reunir os alunos dividindo as regiões entre eles para que possa pesquisar, elaborar e apresentar um trabalho", gostaríamos de insistir no fato de que pesquisa sem orientação e sem roteiro, compromete o aprendizado. Além disso, para que a pesquisa sirva realmente como instrumento, é necessário que exista algo a ser investigado, a ser descoberto, que o assunto esteja suficientemente problematizado.

4. Aula preparada na Vila Prudente, período da tarde.

Tema: Regiões Brasileiras - urbanização e desequilíbrio na ocupação do espaço.

Justificativa: O processo de migração compõe a realidade da clientela assim como os seus conflitos. Estudá-los é se aproximar dos problemas e da possibilidade de buscar novas respostas para a realidade brasileira global e individual.

Procedimento:

1ª aula: Debate e redação pelos alunos: "Por que vieram para São Paulo?" "Como é a vida de vocês aqui?". Correção e leitura.

2ª aula

a) A partir das redações caracterizar a cidade de São Paulo quanto a economia, espaço geográfico (urbanização), cultura e sociedade.

b) Debate e redação: "Como era nossa vida antes de vir para São Paulo?"

3ª aula

a) A partir das redações caracterizar a situação do campo e das pequenas cidades, quanto aos aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos e geográficos.

b) A partir das caracterizações da cidade e do campo debater as diferenças existentes e suas razões. Solicitar redações sobre o debate.

4ª aula (expositiva): Urbanização da Região Sudeste (história)

a) enriquecimento do Sudeste - café

b) industrialização: aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.

c) redação conjunta sobre o tema

5ª aula - Debate: Conseqüências do êxodo rural e da urbanização - situação atual.

6ª e 7ª aulas: Textos para análise com situações a serem discutidas.

Avaliação: Texto com situação específica da cidade (habitação, por exemplo) para análise dos alunos. Questões sobre conseqüências do êxodo rural no campo.

Comentário da aula:

O tratamento dado ao conteúdo e a organização dos procedimentos desta unidade são bons, muito bem ordenados. A questão que colocamos refere-se à repetição freqüente da técnica de redação. Parece-nos que o uso exaustivo desta técnica pode tornar o trabalho monótono e desgastar o instrumento escolhido. Por ocasião da discussão dessa unidade em Vila Prudente, os monitores que a propuseram (em sua maioria pertencentes à Regional da Mooca) esclareceram que esta era uma opção e um risco conscientes, pois eles subordinam o conteúdo de Estudos Sociais a um trabalho com a linguagem, que consideram prioritário. Ainda que concordemos com essa escolha, parece-nos que o trabalho de desenvolvimento da capacidade de expressão do educando não se restringe à linguagem escrita e, dentro desta, da técnica de redação individual. Outras técnicas como a dramatização, a elaboração de murais, redações coletivas da classe ou em pequenos grupos, montagens em argila e sucata, etc, propiciam o desenvolvimento da expressão global do aluno e favorece sua expressão escrita, sem o risco da monotonia e cansaço.

5. Aula preparada na Vila Mariana, período da noite.

Tema: Estudo da Região Sudeste, enfocando sua história, sua importância sócio-política e econômica dentro do país.

Justificativa: Para que os educandos possam conhecer a região onde habitam, para que os mesmos possam fazer uma relação entre a região onde moram e a região de onde se originaram.

Procedimento:

1º passo: Os educandos deverão falar, escrever, relembrar partes de sua região de origem. Farão a descrição desses lugares, fatos folclóricos, trarão fotografias do lugar, ou dos habitantes da cidade (parentes) e trocarão este material entre si.

2º passo: Deve-se perguntar o que os levou a deixar a sua terra e por que escolheram a Região Sudeste. Deve-se usar um ou vários mapas mostrando a região de onde saíram e tentando introduzir a região que se vai estudar (como quebra-cabeça). Mostrar que outros fizeram o mesmo, introduzir o porquê, explicar que movimento trouxe o desenvolvimento dessa região, explicar que muitos que vieram não eram do próprio país, traziam outros costumes, outras manei-

ras de trabalho. Através deste início sugerir a descoberta ou interesse em se estudar esta grande região, lembrar que houve um início, indicar o século, indicar os movimentos anteriores, até a região que se pretende, fazendo sempre uma relação com as regiões de origem dos alunos.

3º passo: Presume-se que o trabalho já esteja sendo desenvolvido, que o aluno já consiga localizar pelo menos a Região Nordeste, mostrar que o homem faz a História, relacionar com o momento das trocas de fotografias, mostrar que foi um momento coletivo.

Como subsídio, fornecer um texto com um pouco da história que levou ao desenvolvimento da região, os nomes dos Estados, quem tinha o poder nas mãos, quais eram as pessoas utilizadas como mão-de-obra, estabelecendo relação com a atualidade. Formar uma linha com os ciclos, desde a cana-de-açúcar (como eram as fazendas, quem trabalhava nas fazendas, quem eram os senhores de engenho, por que a cana-de-açúcar foi um produto importante, sua decadência), a mineração (onde se desenvolveu, quem trabalhou nesta época como mão-de-obra, o que esse ciclo trouxe para o país, mostrando a importância da criação do gado, para a alimentação, para o transporte), o café (como eram as fazendas de café, pedir que os educandos falem um pouco do que conhecem destas fazendas, perguntar se em outras regiões eles já observaram plantações de café, o que o café trouxe para o país, quem eram os barões do café, quem era a mão-de-obra, falar para os alunos de migração, emigração, imigração, colocando - os como exemplo disto, mostrar que o solo e o clima são importantes para o plantio), entrar na era industrial até os nossos dias. Material: Mapas: do Brasil, Brasil e Regiões, Região Sudeste, quebra-cabeça das regiões do Brasil. Linha do tempo mostrando os ciclos econômicos.

Fotografias, podendo ser de livros, mostrando como eram ou são as fazendas de café e cana-de-açúcar, da Serra do Mar. Um pequeno texto de subsídio e lápis de cor.

Avaliação: Através de perguntas orais e pedindo para que façam em grupo algumas frases sobre o que aprenderam. Criando com eles em grupo um novo mapa, pintando e colando no caderno. E tentando ver o interesse quanto ao folclore da região.

Comentário da aula:

Nesse trabalho queremos ressaltar a qualidade de pretender mostrar as coisas em movimento, isto é, situações e características do presente fazendo parte de uma construção que se deu no tempo, fruto de uma história. Ocorre que o conteúdo colocado é extenso e, para que cumpra realmente o objetivo de mostrar o presente não como coisa *natural* mas como *construção*, sem que isso se transforme num conjunto de aulas expositivas ma-

2

cantes, é importante que cada passo seja melhor pensado e detalhado a nível de procedimentos. Em termos de tempo, acreditamos que isso significaria trabalho para toda uma fase, o que não invalida de forma nenhuma a experiência de buscar a aprendizagem de determinados conceitos a partir do estudo de caso de uma região.

II. HISTÓRIA DO BRASIL

1. DESCOBRIMENTO DO BRASIL

a. Aula elaborada na Sé, período da tarde

Tema: O descobrimento do Brasil como decorrência da expansão comercial européia.

Justificativa: Através do conhecimento da história do seu país, o indivíduo pode perceber as relações existentes entre o passado e o presente, referenciando a sua cultura, seu processo político, econômico e espaço geográfico. Ao estudar história como processo ativo, onde os fatos ocorridos estão envolvidos com causas e conseqüências e não como mero acaso, o educando poderá estar questionando e percebendo a relação com os fatos atuais.

Procedimento:

Introdução - O que é História - Partindo de conversa com os alunos sobre a história de vida de cada um, levantando pontos comuns, elaborando conceito de história. Escolher exemplos para a linha do tempo construída na lousa. Comparar a história pessoal com a história do povo e como ela é construída (homem = agente da história).

Processo Histórico: Partindo do questionamento com os alunos a respeito de como é a vida atualmente e como era "antigamente" (se reportar ao universo do aluno: como eram e como são as casas, o transporte, o trabalho, etc), identificar a história como um processo em transformação onde os fatos estão interligados (se possível ilustrar com figuras).

Conceito de Fato, Causas e Conseqüências: Explicar através de um exemplo prático, por exemplo: "Já não chovia nas plantações há muito tempo lá no sertão. Sebastião tentou mudar a sorte e vir com sua família para a cidade grande. Aqui Sebastião encontrou mais dificuldades, não tinha onde morar, emprego foi difícil, passou até fome". Identificar no texto: fato, causa e conseqüência.

2ª Aula - Descobrimento do Brasil - Iniciar levantando com os alunos o que eles já conhecem a respeito do descobrimento do Brasil. Procurar garantir através da explicação que o aluno perceba o contexto sócio-político e econômico em Portugal quando ocorreu o fato, assim como suas causas e conseqüências. Demonstrar no mapa a rota feita por Cabral para chegar ao Brasil. Fixar alguns momentos e personagens mais relevantes ao fato.

- Quem habitava o Brasil antes do descobrimento: a partir de conversa com os alunos, demonstrar que o Brasil já era habitado por nativos que tinham cultura diferente dos portugueses e as transformações ocorridas com a infiltração portuguesa, retratando também a situação atual dos índios.

3ª Aula - Fixação

a) Leitura e explicação de um subsídio ao aluno que contenha os pontos básicos vistos no decorrer das aulas.

b) Fazer cartões com fatos, causas e conseqüências. Colocar na lousa o fato. Ao lado, colocar duas colunas: causas e conseqüências. Pedir ao aluno que separe os cartões nas colunas correspondentes, fazendo assim uma revisão dos conteúdos aprendidos.

c) Exercícios de fixação.

Avaliação: No decorrer das aulas de maneira contínua, progressiva e permanente. Através de exercícios de verificação, testes e provas.

Comentário da aula:

Esta aula tem por qualidade o esforço de desenvolvimento de um método de estudo da abordagem do conteúdo própriamente dito. A primeira aula permite que os educandos reflitam sobre o que é história, desenvolvam a habilidade da contagem do tempo (a este respeito, ver aula em anexo no final) e compreendam o método que lhes está sendo proposto de análise de um fato histórico: através das causas e conseqüências. As aulas seguintes são expositivas e convencionais, e é o monitor quem transmite as causas e conseqüências dos fatos citados. Os educandos só aplicarão o método a título de exercício de fixação.

Não nos opomos à existência de aulas expositivas, desde que esse não seja um procedimento exclusivo, pois tem a desvantagem de relegar ao aluno um papel receptivo e quase sempre passivo.

O problema que levantamos é que, dependendo da condução dada pelo monitor nas aulas expositivas, a análise do descobrimento através do estabelecimento de causas e conseqüências pode ficar muito mecânico. No treinamento enfatizamos que aprender Estudos Sociais é aprender a estabelecer relações, com o objetivo de auxiliar o aluno a melhor conhecer e interpretar o mundo em que vive. No caso do Descobrimento do Brasil o que importa é pesquisar as relações entre os acontecimentos e o contexto da época. Para isso, tanto melhor é o monitor, ao invés de demonstrar essas relações, fornecer informações e dados suficientes para que o aluno consiga entender por ele mesmo o descobrimento do Brasil no contexto histórico do mercantilismo e colonialismo.

b. Aula preparada na Sé, período da noite

Tema: Descobrimento do Brasil

Justificativa: Pela importância que há para um indivíduo em saber de onde vem sua língua e seus costumes.

Procedimento: Nos dez minutos finais de uma aula (em uma 6ª feira, por exemplo) perguntar à classe: Como você acha que o Brasil foi descoberto? Como era o Brasil na época do Descobrimento? Como era a sua população? Quais seus aspectos físicos? Quais foram os descobridores e por que aqui vieram? Solicitar que os alunos façam uma pesquisa baseada nestas questões. Na aula seguinte, propor uma dinâmica de grupo: Como você explica o descobrimento do Brasil de acordo com a sua pesquisa? Cada grupo expõe seu trabalho à classe e no final o monitor faz uma exposição complementar.

Materiais: Mapa-Mundi-Histórico e mapa do Brasil, subsídios para o monitor, livros para os educandos, cartolina, caneta hidrocor.

Avaliação: Participação do aluno, questões orais, questionário escrito após encerramento do assunto, avaliação mensal.

Comentário da aula:

A análise desta aula suscitou inúmeras dúvidas: educandos de S1 sabem fazer pesquisa bibliográfica com autonomia? Qual a bibliografia indicada para a pesquisa? Como a maior parte dos livros didáticos trata deste assunto? A impressão que temos é de que nenhuma dessas repostas seria positiva.

Como já afirmamos em outros comentários, para que haja uma pesquisa duas coisas são necessárias: uma dúvida real a ser resolvida pela pesquisa e um procedimento claro através do qual o aluno possa resolver a dúvida-problema proposta pela pesquisa. No caso, o aluno pode se restringir a descrever o fato: "O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral em 1500", o que não contribui para o objetivo que é compreender o fato no contexto histórico da época. Acrescente-se a isto que a maior parte dos livros didáticos de 1º Grau veiculam uma versão do fato totalmente errônea e/ou ideológica. Daí concluímos que o mais provável é que os alunos privilegiem o fato e não o contexto histórico e as relações no seu interior.

Parece-nos que uma pesquisa produtiva em direção ao objetivo deste conteúdo requer maior clareza do que e como pesquisar.

Por ocasião do debate deste plano de aula, seus autores rebateram as críticas alegando que uma outra postura seria paternalismo. A nosso ver, em nome de uma atitude não-paternalista, caíram em outro equívoco - o comodismo - pois não ofereceram as condições mínimas para que a aprendizagem se realizasse.

Outra questão refere-se ao trabalho em grupos. Como o advento da escola moderna nos anos 60, o aluno foi chamado a participar do processo de aprendizagem, e técnicas como trabalho em grupo e pesquisa ganharam

destaque. Como toda teoria que é assimilada mecanicamente, o "escolanovismo" virou moda, e as técnicas por ele valorizadas passaram a ser usadas inadequadamente. Esta aula é um exemplo de inadequação, pois não há razões explícitas para que o trabalho seja realizado em grupos, e não individualmente. Resta saber também que uso seria dado a alguns materiais solicitados e não descritos no procedimento.

Por falar em inadequação, recordamo-nos que um grupo de monitores do Ipiranga, desejando elaborar um plano de aula sobre o mesmo tema, questionou a adequação deste conteúdo para S1, como consta no novo programa. Eles consideraram que para o educando compreender o descobrimento no contexto da época são necessários alguns pré-requisitos que o programa não garante: noções de espaço e tempo; conhecimento dos Oceanos e Continentes; localização da Europa, África e Brasil; noção mínima de como é feita a contagem de tempo e a divisão em séculos; além disso, os conceitos de sociedade, economia e política, para entender o Brasil dentro do sistema de colonização ditado pelo mercantilismo. Concordamos com estas ponderações e esperamos que elas venham a ser consideradas para efeito de uma reestruturação curricular.

2. REPÚBLICA VELHA

a. Aula elaborada na Sê, período da tarde

Tema: Relação existente entre a primazia política de São Paulo na Primeira República e a cafeicultura.

Justificativa: Acreditamos que através desse conteúdo poderemos trabalhar com o aluno por que até hoje São Paulo exerce grande influência na economia, na política e na sociedade, e o porquê da grande migração do povo nordestino e da grande pobreza desta região.

Procedimento:

1ª Aula

a) Trabalho em grupo

b) Tema - O café (cultura, fazendas, comercialização)

c) Técnica-cólagem (com material previamente escolhido pelo monitor)

d) Apresentação do tema para a classe (explicação da técnica). "Hoje iremos trabalhar com alguns materiais que eu trouxe e gostaria que cada grupo se empenhasse em fazer o que for pedido com o material recebido."

e) O monitor deverá orientar apenas um grupo, que terá material suficiente e bom para realizar um ótimo trabalho.

f) Apresentação das colagens para a classe

g) Escolha do melhor trabalho

h) Questionamento sobre dificuldades e facilidades na realização do trabalho, como se sentiram, o que acharam, etc.

i) discussão e conclusão sobre o levantamento dos educandos e das relações que aconteceram na sala de aula.

j) Paralelo entre o trabalho executado e o apogeu do café e a prima

6

zia política de São Paulo feito pelo monitor.

A intenção na realidade é mexer com o emocional e o envolvimento aluno x aluno, aluno x monitor. O monitor deve ter presente que as reações em classe podem ser as mais diversas possíveis - saída de aluno nos grupos onde o monitor não esteja orientando; recusa à participação, etc.

O monitor deve saber anteriormente que o café foi na realidade a locomotiva do desenvolvimento de São Paulo e que, na época, o governo procurou utilizar de todos os meios para agilizar a exportação do café, pois era através dele que o governo conseguia dinheiro e poder, fazendo com que São Paulo fosse a parte mais importante do Brasil, esquecendo portanto outras regiões e culturas. O Brasil na época era uma República, mas continuava sendo um Império cujo rei era o café. Esse conhecimento prévio é importante para ser reportado ao trabalho de colagem mostrando, por exemplo: 1) O monitor = governo 2) O grupo (que recebeu orientação) = São Paulo 3) Os demais grupos = as demais regiões.

2ª Aula: Leitura de texto baseado no livro: "História da Sociedade Brasileira" de Francisco Alencar, pg. 197 em diante, Ed. Técnico S/A. Explicação do texto pelo monitor reportando-se à aula anterior. Questões a serem respondidas pelos alunos sobre o texto.

Avaliação: Na primeira aula no momento da conclusão do trabalho e na segunda aula nas respostas dadas ao texto.

Comentário da aula:

Essa aula tem uma interessante ousadia: a de aproximar o conteúdo através de uma vivência. Os riscos de uma experiência como esta foram previstos pelos monitores. Gostaríamos de lembrar que além de traçar um paralelo com a situação do Estado de São Paulo na época do café, a experiência traz conteúdo em si mesma. O modo como cada um lidou com a dificuldade, a relação com o professor, a relação com os companheiros, etc. Nessa medida, quando o grupo coloca que o "monitor deve ter presente que as reações podem ser as mais diversas", queremos ressaltar que é importante que o monitor tenha tranquilidade suficiente em olhar essas reações também como conteúdo da aula para que possa junto com os alunos refletir a atitude de cada um no grupo. Se a emoção evocada não é depois trabalhada, pode causar nos alunos uma sensação de uso e a possibilidade de aprender, com isso, fica perdida.

Além disso, com relação ao paralelo estabelecido com a situação de São Paulo na Primeira República é importante marcar que "o esquecimento" de outras regiões não é uma questão de "maldade" do governo. Assim como a

aula foi previamente planejada no sentido de favorecer uns em detrimento de outros, a aliança do governo com a burguesia cafeeira era parte de uma lógica maior, determinada pelo jogo da divisão internacional do trabalho onde o Brasil continuava com a função de produzir alimentos e matérias-primas para exportação.

III. TEMAS POLÍTICOS DA ATUALIDADE

1. ELEIÇÕES

a. Aula elaborada na Lapa, período da noite

Tema: Partidos Políticos

Justificativa: A busca do voto consciente.

Procedimento:

1ª aula: Temos na lousa: saúde, educação, trabalho, reforma agrária, transporte, habitação. Grupos conforme interesse no assunto.

Após discussão do tema em grupo, um elemento de cada grupo divulga a idéia de forma a convencer os demais de que o seu tema é o mais importante. Observação: o interesse aqui é transpor a situação externa, os partidos, para a sala de aula, dando idéia de como se forma um partido.

2ª aula: Quais são os partidos que você conhece? Discussão em sala de aula a respeito de como atuam.

3ª aula: Foi pedida na 2ª aula uma pesquisa sobre os partidos.

4ª aula - Fechamento.

Avaliação: Participação em sala de aula procurando observar os comentários futuros sobre o assunto.

Comentário da aula:

A idéia de introduzir o assunto mostrando o que é e como se forma um partido é boa, mas a maneira como está colocada pode criar certa confusão. Saúde, educação, transporte, etc., são temas pensados por todos os partidos. Não existe o partido da saúde, da habitação, etc. Portanto, a idéia talvez ficasse mais clara se todos os grupos refletissem sobre um mesmo tema. O monitor poderia selecionar um conjunto de frases mostrando diferentes pontos de vista de um mesmo tema. O grupo escolheria uma frase com a qual se identificasse e prepararia a argumentação de defesa dessa idéia. Uma vez fizemos experiência semelhante com o tema pobreza. Na lousa, foram colocadas frases como: "A pobreza é natural"; "A pobreza é feita pelo homem"; "A pobreza existe por causa da preguiça das pessoas"; "A coisa mais fácil de resolver é a pobreza"; "Sempre haverá pobres", etc. Os grupos foram formados segundo a escolha de frases. Na discussão posterior alguns grupos se aliaram porque se perceberam defendendo as mesmas idéias e ao final ficou claro que a classe estava dividida em 2 grandes partidos: o da transformação e o da manutenção.

Outro comentário é que a pesquisa pedida na 2ª aula está muito pouco objetivada e, por isso, corre o risco de não amarrar nada. E será que pesquisa em jornal ou revista é a melhor coisa nesse primeiro momento de contato com o assunto? Através de um recorte de jornal é possível analisar a atuação de um partido? Para um primeiro entendimento talvez fosse mais útil que cada grupo entrevistasse um militante de algum partido e procurasse saber como o partido foi formado, que setores da sociedade estão presentes nesse partido, quais são, em linhas gerais as idéias que defende, etc. Claro que nesta pesquisa o aluno vai conhecer mais o discurso do que a prática de cada partido, mas aí ele teria elementos para analisar, através de notícias de jornal, a coerência entre o discurso e a ação de cada partido.

2. CONSTITUINTE

a. Aula elaborada na Sé, período da tarde

Tema: Constituição e Constituinte

Justificativa: O conteúdo tem a possibilidade de focar todos os conceitos, sociedade, cultura, trabalho, espaço geográfico, história e política.

Procedimento:

- 1) Retirar do próprio aluno informações
- 2) Debate sobre eleições diretas
- 3) Introdução do próprio assunto
- 4) Pesquisar em grupo (livros e artigos) sobre o assunto.
- 5) Discussão a respeito da pesquisa nos pequenos grupos e em seguida expor para toda a sala.

Observação: Os artigos e recortes de revistas e a própria pesquisa do aluno podem ser colocados em mural para observação e também para pesquisas posteriores.

Avaliação: Observação do desempenho dos educandos no decorrer dos debates e principalmente nas atividades desenvolvidas em grupo. Com paração do debate com a pesquisa possibilitando saber o que foi as similarado, sendo também uma forma de avaliar o próprio grupo.

Comentário da aula:

O debate inicial tem a função de envolver o grupo na relação com o tema (o que cada um tem a ver, o que cada um sabe) e também iniciar uma reflexão sobre o conhecimento que o aluno já tem. A ampliação desse conhecimento é garantida na conversa com os colegas (talvez fosse interessante que o professor colocasse as informações na lousa) e na pesquisa em jornais ou revistas.

E aí fica uma questão: pesquisar o quê? Qual a relação que a pesquisa tem com o momento anterior? Sai do debate a necessidade de se obter maiores informações? Os alunos sabem exatamente o que vão pesquisar?

A pesquisa vai procurar saber como se organiza uma constituinte, como foram feitas as anteriores, ou vai atrás de saber que tipo de assunto é discutido, e como influencia nossa vida, etc? O grupo colocou que a pesquisa deveria ser feita em livros e artigos sobre o assunto. Não há muitos livros e o jornal fala desse assunto mais para quem já sabe. Sugérimos consultar:

- "Constituinte: O que é isto?" Cadernos de Educação Popular do CEPIS.

- "Educação Democrática" Suplemento Especial - Secretaria de Estado da Educação - Setembro/85

- "A Constituição e os Trabalhadores" Educação Sindical - DIEESE (R. dos Carmelitas, 149 3º andar - tel. 35-3071)

- Subsídio elaborado pela Comissão de Estudos Sociais do PEA-FABES
Outro aspecto diz respeito à importância de se fazer um roteiro, planejar e organizar minimamente, para que o aluno possa aproveitar melhor a pesquisa como um momento de aprendizagem.

Além disso, se é um assunto que a maior parte dos alunos não tem muito conhecimento, a pesquisa tem que dar conta de reunir o máximo de informações para que, no fechamento do trabalho, cada um tenha possibilidade, de junto com a classe e o professor, estabelecer relações entre as diversas informações adquiridas.

3. ATUALIDADES

a. Aula elaborada na Vila Mariana, período da tarde

Tema: Abertura chegando até a Nova República

Justificativa: Por ser um assunto ligado ao cotidiano das pessoas e poder mostrar o indivíduo como agente na sociedade.

Procedimento:

Aula preparatória: Trabalhar a abertura chegando até a campanha das diretas e Nova República abrindo a discussão: o que cada um acha que é a Nova República e o que cada um já leu ou ouviu a respeito.

1ª aula: O monitor leva jornais para a aula e pede a cada aluno que relate o que leu. Depois o monitor monta um esquema na lousa agrupando os assuntos e propõe que a classe escolha alguns assuntos para discussão.

2ª aula: A partir dos assuntos escolhidos encaminhar a discussão procurando relacioná-los com o momento histórico. Propor que os alunos escrevam a sua opinião sobre a discussão ou algum dos assuntos escolhidos pela classe.

Avaliação: Avaliação da capacidade de absorção de idéias, de crítica através de trabalho escrito, sem preocupação de nota.

Comentário da aula:

É tão difícil dizer o que é a Nova República! Para cada partido, linha de pensamento, segmento da sociedade ela tem um sentido diferente. É uma discussão ampla, abstrata e complexa, portanto. Talvez fosse mais interessante inverter o processo de desenvolvimento da aula deixando a discussão do que vem a ser o chamado período Nova República para o final. O professor poderia pedir, num primeiro momento, que folheassem o jornal procurando achar fatos novos, coisas ou situações que não aconteciam anos atrás. O professor analisa semelhanças e diferenças e vê junto com a classe como os artigos poderiam ser agrupados e nomeados. E só com esse quadro na mão é que a classe começaria a discutir o que mudou de uns tempos para cá, qual o significado disso, e que interesse cada parcela da sociedade tem nessa mudança. Ou seja, acreditamos que nem todos os alunos tem claro o quadro de mudanças do chamado período "Nova República" e que isso é condição para poder entender seu significado e a posição de cada segmento da sociedade.

Por isso ficaríamos mais tempo no que foi chamado de aula preparatória para que o passo seguinte pudesse ser melhor aproveitado.

IV. DIREITOS TRABALHISTAS

1. CLT

a. Aula elaborada na Vila Mariana, período da noite

Tema: CLT

Justificativa: Exemplo prático no qual grande parte dos alunos está inserida, proporcionando rico debate e reflexão.

Procedimento:

1º passo: Levantar dos alunos como é a realidade cotidiana do trabalho deles (as condições, tipo de trabalho, problemas, etc.).

2º passo: Pedir para que sugiram soluções para seus problemas, suas reivindicações, etc. Como gostariam que fossem seus "direitos e deveres" (fazer com que eles reflitam e construam propostas próprias).

3º passo: Fornecer informações históricas sobre o conteúdo (o que é a CLT, como foi feita, por quem, etc).

4º passo: Orientá-los para que estruturem suas sugestões (montar as propostas), organizá-las

5º passo: Apresentar a CLT propriamente dita, discutir, conhecer, etc.

6º passo: Confronto da CLT e a "CLT" deles, debater, ver as diferenças, etc

7º passo: Conclusões: generalizar o processo de construção das leis.

Avaliação: Através de relatórios das conclusões. Avaliações escritas e orais.

Comentário da aula:

Pelo que pudemos entender dos procedimentos descritos, nessa aula os alunos discutiriam como gostariam que as leis relativas ao trabalho fossem feitas. Na medida em que muitas vezes apontar soluções implica em transformar as próprias leis, nossa sugestão é que o monitor radicalize a diferença entre, o *como é* e *como gostaria que fosse*, trabalhando paralelamente a questão das leis no plano da realidade e no plano da fantasia.

Trabalhar um determinado assunto no plano da fantasia tem como objetivo exercitar a imaginação para que se possa melhor conhecer o próprio desejo. É preciso ter claro que ela não significará alienação se fluir em território que lhe é próprio. Por isso é importante estabelecer marcações que caracterizem a situação como *não real*, espaço do "como se", onde as regras do desejo e da vontade têm validade. O professor pode, por exemplo, simular uma situação e apresentar à classe: "suponhamos que o partido de vocês ganhou as eleições, vocês tomaram posse e estão reunidos para ver o que vai mudar" ou "vocês foram eleitos pelo povo para modificar as leis que regulam o trabalho, foram suspensas todas as leis anteriores e, de agora em diante, tudo pode acontecer".

No passo seguinte, os alunos tomariam contato com a realidade: as leis como estão descritas na CLT. Manusear e conhecer a abrangência de assuntos tratados na CLT é importante, mas sugerimos que nesse momento o professor tenha em mãos, além da CLT, algum material que discuta alguns pontos básicos numa leitura mais fácil.

Por último, no confronto das leis construídas por elas com as leis da realidade, é importante tentar aproximar fantasia e realidade. Ou seja, como a realidade pode se apropriar da fantasia, como podemos caminhar individual e coletivamente no sentido de buscar realizar nossos desejos? O que isso exige de cada um enquanto agente na história, ser no mundo?

b. Aula elaborada na Penha, período da noite

Tema: CLT

Justificativa: Conhecimento necessário para a vivência de nossos alunos que são quase operários.

Procedimento:

- Explicação de como era o sistema de leis pelo monitor.
- Subsídios
- Convite a representantes sindicais para palestras e debates
- Captar do aluno relatos sobre sua situação de trabalho

Avaliação: Na interpretação de acontecimentos relatados nos jornais e revistas e na vida do educando como funcionário.

Comentário da aula:

O procedimento descrito nessa aula atribui um papel totalmente passivo ao aluno. A ele cabe escutar, escutar, escutar... Além disso, o conhecimento que ele tem do assunto só vai aparecer a título de ilustração no final da aula onde o monitor vai: "captar do aluno relatos sobre a sua situação de trabalho". O grupo também coloca como parte da aula "convite a representantes sindicais para palestras e debates". Claro que debater e trocar idéias com um militante sindical é interessante mas se não for uma atividade minimamente planejada, e os alunos entenderem o que vão perguntar, por que discutir isso, etc., pode não haver motivação, ficar monótono e não garantir aprendizagem.

C. Aula preparada na Lapa, período da tarde

Tema: CLT e Carteira de Trabalho

Justificativa: Analisar o registro de trabalho e suas implicações, conhecer os principais aspectos da CLT, identificar sua inspiração fascista e compreender a legislação no contexto do período getulista.

Procedimento:

- 1) Levantar a situação de vínculo empregatício dos educandos: empregado registrado, subempregado e desempregado.
- 2) Ler o texto da Carteira de Trabalho e discuti-lo, problematizando os seguintes aspectos : necessidade da Carteira, seu significado jurídico e social, critérios para o estabelecimento de salário, descumprimento das leis trabalhistas.
- 3) Fornecer texto historiando a origem da Carteira de Trabalho e a CLT, situando-a no contexto do Estado Novo.

Material: Texto, Carteiras de Trabalho, CLT para consulta.

Avaliação: Participação dos alunos e interpretação do texto.

Comentário da aula:

A idéia de começar a discussão da CLT a partir da Carteira de Trabalho é original, e deve abrir espaço para que os educandos exponham as inúmeras dúvidas que têm sobre seus direitos básicos enquanto trabalhadores, ao mesmo tempo que propicia a reflexão proposta pelos monitores. A restrição que fazemos ao procedimento seguinte é que a condução fica quase exclusivamente nas mãos do monitor, que para isso deve ter claro o significado mais amplo da Carteira e da CLT enquanto expressão de uma contradição maior entre capital e trabalho. Mais uma vez remetemos à leitura dos textos "Sobre a questão da conscientização", lembrando que é o aluno que tem que conhecer e interpretar a história, e não reproduzir o conhecimento e a interpretação que o monitor já elaborou sobre ela. Para isso, seria mais produtivo se o monitor fornecesse elementos para que o aluno, de posse das in

formações básicas que o situassem no contexto do Estado Novo, pudesse por si só extrair conclusões relativas à CLT. É claro que o educador não é neutro, e que é ele quem seleciona e ordena os dados que fornece aos educandos, mas é fundamental que o aluno exercite o seu pensamento crítico.

Em relação a esse tema, sugerimos alguns subsídios. Caso haja condições para projeções, há filmes sobre a formação da classe operária e sobre o nascimento do sindicalismo no Brasil antes do Estado Novo que, se confrontados com a regulamentação do trabalho proposto por Vargas, servirão à reflexão que esta aula propõe. São eles: "São Paulo do Café à Indústria" e "Os Libertários", curta-metragens em 16 mm, disponíveis na Filмотeca da Emplasa gratuitamente. Como a CLT é um vasto e "indigesto" volume, recomendamos a leitura e consulta da "Série Leis Trabalhistas" da Frente Nacional do Trabalho (Av. Ipiranga, 1267 9º andar - Cep. 01039 - Tel. 228-2899) e dos Cadernos Informativos e Educativos do DIEESE (R. dos Carmelitas, 149 3º andar - tel. 35-3071). A Fundação Cinemateca Brasileira, a Federação Paulista de Cineclubes e o Centro de Distribuição Independente, além da Filмотeca da Emplasa dispõem de vários outros filmes sobre o movimento operário brasileiro, documentários e de ficção (a título de exemplo citamos "Eles não usam black-tie", "Braços cruzados, Máquinas Paradas", "Chapeleiros", etc).

V. ANEXOS

A. AULAS DA EQUIPE DO CEDI ELABORADAS PARA O TREINAMENTO
DOS TÉCNICOS

1. ZONA RURAL E URBANA E MUNICÍPIO

PEA — FABES — PMSP

Curso de Capacitação e Reciclagem em Metodologia de Educação de Adultos — Julho/85

Execução:

CEDI — Programa de Educação e
Escolarização Popular

ESTUDOS SOCIAIS

LABORATÓRIO DE VIVÊNCIA DO MÉTODO - ATIVIDADE 1

- 1) Muitos de nós nasceram e viveram no campo, outros na cidade. Na aula de hoje vamos relembrar como é a vida e a paisagem no campo e na cidade. Reunam o grupo, contem uns aos outros o que lembram, viram e sabem sobre esses dois espaços e escrevam nas linhas abaixo as características do campo e da cidade.

Campo: _____

Cidade: _____

- 2) Utilizem a placa de madeira como base e modelem em argila uma paisagem de campo e de cidade em miniatura. Essa forma de representação do espaço que vocês estão fazendo chama-se maquete.

- 3) Observem as principais diferenças entre o campo e a cidade e anotem nas linhas abaixo.

a) Quanto à paisagem: _____

b) Quanto ao que se produz: _____

c) Quanto ao trabalho: _____

d) Quanto ao modo de vida: _____

- 4) Como vocês percebem, há diferenças importantes entre o campo e a cidade. Esses dois tipos de espaços são chamados também de zona rural e zona urbana. Escrevam com suas próprias palavras o que é zona rural e urbana.

zona rural: _____

zona urbana: _____

- 5) As populações que vivem nas zonas rurais e urbanas têm problemas e necessidades que não podem ser resolvidas individualmente, pois são problemas coletivos. Vocês saberiam citar alguns destes problemas e necessidades? _____

6) Vocês saberiam dizer como essas comunidades podem se organizar para resolver os problemas e necessidades coletivos?

7) Uma das formas encontradas pelas coletividades para resolver seus problemas e necessidades é eleger representantes que defendam seus interesses, façam leis e administrem o patrimônio público (que são os impostos e bens que pertencem a todos os cidadãos de uma coletividade). Para que isso seja feito o espaço geográfico é dividido em pequenas unidades denominadas municípios.

a) O que é um município?

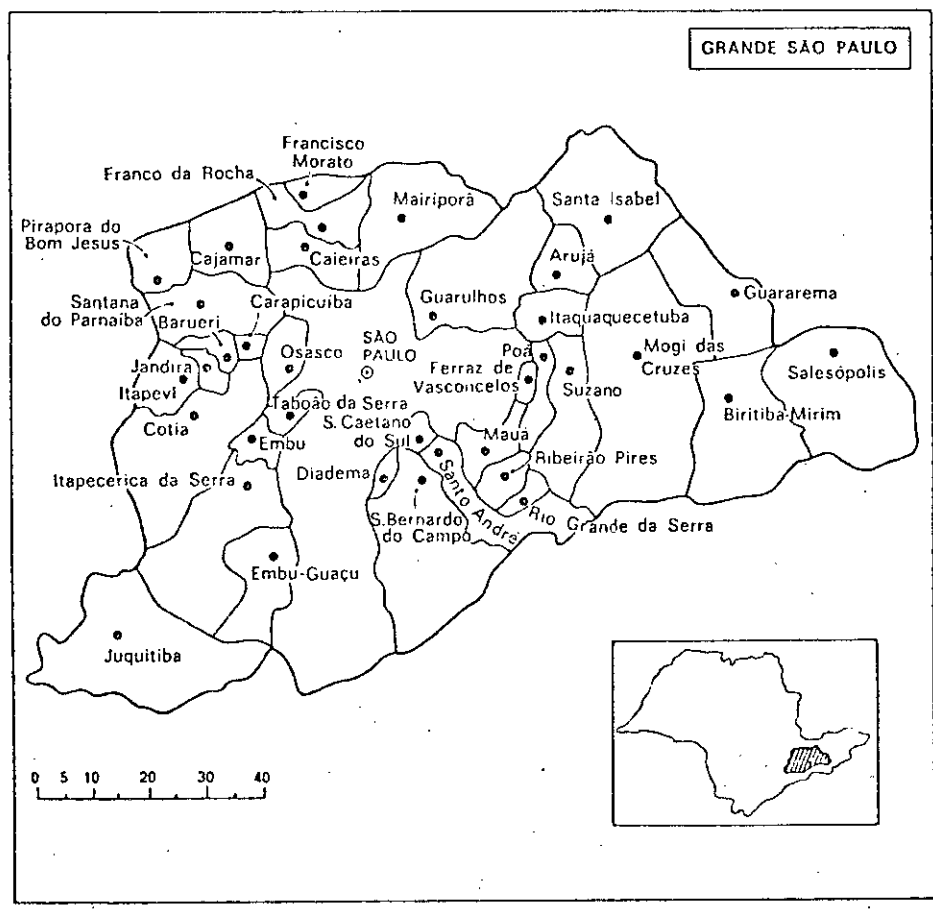
b) Para que serve a divisão dos espaços em municípios?

c) Quem faz as leis de um município?

d) Quem executa as leis e obras de um município?

8) Observem bem sua maquete: ela pode representar um ou mais municípios. Dêem um nome para esse(s) município(s) e discutam qual a melhor localização para fixar os seus limites. Tracem os limites municipais na maquete com o barbante, fixando-o com cola. Anotem nas linhas seguintes os critérios utilizados pela equipe para estabelecer os limites municipais.

9) O mapa abaixo representa a Grande São Paulo dividida em municípios. Pinte de uma cor o município em que mora, e de uma cor diferente os municípios que você conhece.



2. CULTURA

PEA — FABES — PMSP

Curso de Capacitação e Reciclagem em Metodologia de Educação de Adultos — Julho/85

Execução:

CEDI — Programa de Educação e
Escolarização Popular

ESTUDOS SOCIAIS

LABORATÓRIO DE VIVÊNCIA DO MÉTODO - ATIVIDADE 2

Aqui estão sendo apresentados dois depoimentos sobre um mesmo acontecimento, num determinado momento histórico.

TEXTO 1

"E dali avistamos homens que andavam pela praia... Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos... os cabelos são escorregadios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia na parte detrás uma espécie de cabelereira, de penas de ave, pegada aos cabelos, pena por pena.

... eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram. Todavia um deles fitou o colar e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que não lho havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas. Deitaram num manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram.

E hoje que é sexta feira, saímos em terra com nossa bandeira, e fomos desembarcar rio acima, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. Até agora não podemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal. Contudo a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar dar-se há nela tudo, por causa das águas que tem!"

TEXTO 2

"Eles viajavam de remo como nós.

Por isso, não viajavam muito longe.

Depois fizeram barcos grandes. Os barcos grandes viajavam empurrados pelo vento.

Eles chegaram aqui. Vieram nesse barco.

Tinha muito mais de 5 milhões de pessoas.

A terra é nossa vida. A terra é de toda comunidade.

É na terra que a gente planta a nossa roça.

A gente planta milho, cará, banana, amendoim, batata-doce, abacaxi, abóbora, fumo, feijão, uma porção de tipo de feijão.

A terra dá toda fruta do campo, dá toda fruta do mato.

Na nossa terra tem abelha que dá mel para nós.

Na nossa terra também dá cabaça, dá algodão, dá urucum

É na terra que cresce pau, taquara e todo tipo de palha que a gente usa.

Sem água a gente não pode viver.

No rio a gente se banha, apanha água para beber.

Também pesca muito peixe bom de comer.

Rio é igual caminho. A gente sobe e desce o rio, indo de cá para lá, de lá para cá.

Agora, quase todos moram na beira dos rios.

Reza de índio é festa.

A gente se enfeita com penas. Se enfeita com contas.

Se pinta com jenipapo, se pinta com urucum. Pinta desenho bonito no corpo. Faz desenho de onça, desenho de peixe, de passarinho. E dança bastante. Às vezes a noite toda, às vezes o dia todo. Quando está festando sempre faz comida para dividir com o pessoal.

Eles queriam tomar conta do mundo inteiro.

Eles já tinham até combinado dividir para eles todas as terras novas que encontrassem.

Eles chegaram numa praia que hoje se chama Bahia.

Puseram um marco para dizer que aquela terra era deles.

Fomos espiar a chegada. Botaram o marco e não reclamamos

rezaram missa e não reclamamos. Não sabíamos o que eles

queriam, que tinham vindo ocupar nossa terra, mudar

nossa vida. Por isso até demos presentes.

Cada lugar de nossa terra tinha um nome.
Os rios já tinham nome, os morros, as lagoas.
Mas logo eles trocaram os nomes de tudo.
Eles vinham com conversa mansa parecendo amigos.

No nosso costume nós usávamos dar as coisas
nós usávamos trocar as coisas.
A gente dava peneira. A gente trocava peneira.
Tinha povos que não faziam panela.
Então trocavam com outro povo
que sabia fazer panela bem feita.
Tinha povos que não sabiam fazer cesto.
Então trocava com outro povo que sabia
fazer cesto bem bonito.
Nosso costume era assim. Nós não usávamos comprar.
Nós não usávamos vender. Nós usávamos dar. Nós
usávamos trocar as coisas."

- 1) Compare os dois textos e veja se consegue levantar diferenças e se
melhanças em relação:
- ao modo de vida dos "personagens" envolvidos nesse momento his-
tórico.
 - à relação que eles mantêm com a natureza.
 - à maneira como cada um viu esse momento histórico.
 - à maneira como cada um vê o outro.

COMPARAÇÃO

"Quando pedimos que comparem as coisas, estamos colocando-os numa situação em que pode ocorrer pensamento. Os alunos têm oportunidade para observar diferenças e semelhanças. Examinam dois ou mais objetos, idéias ou processos, com a intenção de ver relações mútuas. Procuram pontos de acordo ou discordância. Observam o que está presente num, e ausente no outro."

Raths

- Leia a comparação que você fez para as pessoas do grupo.
- Em grupo, escrevam uma conclusão que considere os seguintes itens:
 - Em que momento histórico se deu esse encontro.
 - Como explicam a diferença de pontos de vista nos dois textos.
 - Qual parece ser o problema da relação entre esses dois personagens.
 - Se nos dias atuais é possível encontrar uma situação semelhante a essa.

CRÍTICA

"A comparação, o discernimento, podem ser entendidos como aquisição de padrões que resultam da observação e exploração. À medida que aumentamos as oportunidades para comparação, ampliam-se as bases para julgamento. E em toda crítica existe julgamento. Existe algum tipo de padrão que é comparado com aquilo que estamos criticando. Qualquer que seja o padrão, existem critérios estabelecidos para os julgamentos que fazemos. Quando os alunos têm oportunidade para criticar, há possibilidade de que assumam um papel mais ativo na sua aprendizagem."

Raths

Lined writing area with horizontal lines for notes.

3. CONTAGEM DO TEMPO

PEA — FABES — PMSP

Curso de Capacitação e Reciclagem em Metodologia de Educação de Adultos — Julho/85

Execução:

CEDI — Programa de Educação e
Escolarização Popular

ESTUDOS SOCIAIS

LABORATÓRIO DE VIVÊNCIA DO MÉTODO - ATIVIDADE 3

Introdução: Esta atividade tem por finalidade estabelecer uma forma de contagem do tempo e sua representação gráfica.

1) Todos vocês têm uma história de vida e trabalho na FABES. Relatem uns aos outros essa história, e anotem abaixo os momentos mais marcantes e significativos de cada um. Esforcem-se por precisar quando esses fatos e momentos significativos ocorreram.

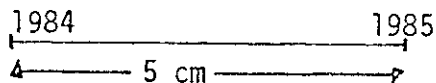
<u>Nome</u>	<u>Fatos significativos</u>	<u>Quando ocorreram</u>

2) Seleccionem os fatos e momentos comuns a todo grupo e de maior significado. Listem em ordem cronológica (do mais antigo para o mais recente).

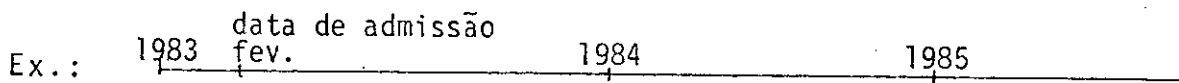
3) Qual foi o intervalo de tempo no qual esses fatos ocorreram?

R: _____

4) Na folha de sulfite anexa, tracem uma linha que represente esse período de tempo. Adotem uma escala de representação, ou seja, para um certo número de anos ou meses adotem um intervalo de espaço proporcional.

Ex.: 1 ano = 5 cm 

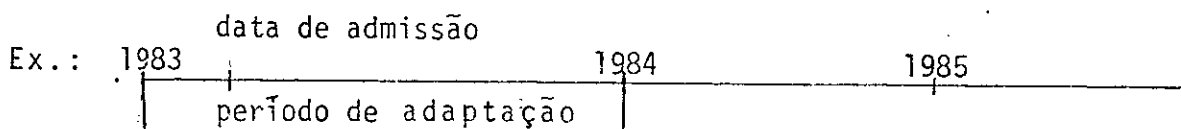
5) Assinalem na linha do tempo as datas em que ocorreram os fatos significativos selecionados no item 2. Anotem os fatos na parte superior da linha.

Ex.: 

6) Ao longo desses anos e/ou meses de experiências é possível verificar períodos que possuam características próprias?

Discutam no grupo e estabeleçam os períodos, dando a eles um nome que expresse bem suas características.

7) Na parte inferior da linha do tempo delimitem os períodos e indiquem seus nomes.

Ex.: 

Abaixo desta indicação relacionem as características principais de cada período.

8) Vocês acabam de fazer a frisa do tempo da história de vida do grupo na FABES.

- De que forma esse tipo de representação do tempo lhes foi útil?

- Qual a importância deste tipo de representação do tempo?

- Em que outras circunstâncias vocês poderiam recorrer a este tipo de representação?

5) Quais as principais diferenças e semelhanças existentes entre os lugares descritos pelos grupos A e B?

6) Com tudo o que foi dito hoje na aula escreva com suas próprias palavras o que entende por região brasileira.

B. SOBRE A QUESTÃO DA "CONSCIENTIZAÇÃO"

1. "O professor imagina o aluno (e a classe social) como uma consciência de si que, por ignorar a si mesma, isto é, não ser ainda para si, tenderia a manifestar-se através de palavras e de ações alienadas ou como "falsa consciência". Assim sendo, parecerá necessário esperar que a desalienação ou a consciência "verdadeira" lhe seja trazida de fora por aqueles que "sabem". Há o risco ideológico de diferenciar o aluno (e a classe social) do professor (e da vanguarda em termos de imaturidade/maturidade, ignorância/saber, alienação/verdade, em suma, diferenciar hierarquizando e fazendo com que um dos polos seja uma espécie de receptáculo vazio e dócil no qual venha depositar-se um conteúdo exterior trazido pelo outro polo. Com isto, sob o nome de conscientização, reedita-se sob nova roupagem o conservadorismo e o autoritarismo da educação que se pretendia combater".

(Chauf, Marilena de Souza - "Ideologia e Educação", in Educação e Sociedade nº 5, São Paulo, Cortez Editora, 1980, pg.104)

2. "Em relação a esse último "que fazer", o problema é que, às vezes, essa crítica é feita pelo professor apenas de maneira discursiva: perante os alunos ele desfila a sua maneira de ver, de analisar, de fazer com que os alunos observem quais são os componentes daquilo que está analisando e criticando; discursa sobre esses problemas todos, inclusive com uma terminologia de referencial crítico marxista. E esse professor fica satisfeito ao observar que os alunos também formulam críticas ao sistema capitalista e começam a discursar parecido, a partir de um domínio de conceitos já bastante trabalhado. No meu entender, porém, o perigo é o de que esse professor se satisfaça com os resultados obtidos na transmissão do seu próprio discurso e se encante com os discursos dos alunos, agora semelhantes ao seu, esquecendo-se de analisar as relações entre suas teorias e sua prática docente. É o caso de quem procura fazer cabeças, desconsiderando, por exemplo, que a consciência crítica, junto com uma dimensão de classe, supõe uma dimensão individual, o que faz com que a consciência se manifeste de forma heterogênea. É impossível, assim, que numa platéia de trezentas pessoas, por exemplo, a consciência crítica se manifeste homogeneamente. Os momentos da consciência são vividos também individualmente e remetem à história do indivíduo, da sua idade, sexo, crença, etnia, ou seja, elementos que não são apenas de classe".

(Gadotti, Moacir, Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio - "Pedagogia: Diálogo e Conflito", Cortez Editora, São Paulo, 1985, pg.77)

1. SOBRE A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DO EDUCANDO

"O domínio da estrutura de uma matéria implica não só em captar as idéias fundamentais desta, como também em desenvolver uma atitude positiva em relação à investigação, o que se consegue ao se colocar o educando frente a uma situação-problema e incentivá-lo na descoberta da solução.

Esta descoberta de soluções tem como principal vantagem o incentivo para que o educando utilize o seu raciocínio, ao invés de apenas acompanhar e até reproduzir o raciocínio do educador. Este, em geral, se utiliza de um raciocínio analítico para expor seus conhecimentos aos educandos, raciocínio este que se caracteriza por caminhar passo a passo, explicitando-os, bem como às operações didáticas utilizadas. Não queremos dizer de modo algum que este tipo de raciocínio seja totalmente destituído de valor, mas o que ocorre em geral é que, utilizado desta forma, tem como resultado a assimilação pelos educandos de padrões de soluções ou até mesmo de fórmulas, sem a real compreensão das idéias. O educando só é capaz, neste caso, de pensar com e como o educador.

Esta situação descrita se contrapõe à proposta de descoberta de soluções pelo educando, pois o processo e as etapas da investigação são fornecidos pelo educador ao invés de serem pensados pelo educando. O que queremos afirmar é que o educando deve pensar a solução para a situação-problema, quer seja através do pensamento analítico, quer seja através do intuitivo, que se caracteriza pela captação do sentido, alcance ou estrutura de um problema ou situação independente de passos mais estruturados e definidos, sem consciência do processo utilizado para atingir a resposta, possibilitando até saltar certas etapas do processo de pensamento. Desejável seria se o educador pensasse situações que propiciassem o uso de ambos os tipos de raciocínio, pois eles na realidade se complementam. Por exemplo, colocada a situação-problema e incentivados a descobrir a solução, os educandos dão suas opiniões, criam soluções, utilizando pensamento intuitivo; depois disto o educador poderá coordenar uma discussão para pensar com os educandos os procedimentos que possibilitem aquelas opiniões, ou seja, educandos e educadores poderão organizar juntos um esquema de pesquisa e trabalho.

Esta proposta se caracteriza por um respeito pelo educando quanto à sua maneira original de raciocinar, o que é essencial para torná-lo capaz de resolver seus próprios problemas, independentemente do auxílio do educador.

(Equipe Renov - "Estudos Sociais, uma proposta para o professor", Editora Vozes, São Paulo, 1977, pg.32 a 33.)

2. "Embora freqüentemente se fale em pensar sozinho, a redundância da expressão se torna evidente quando se lembra que o pensamento tem que ser feito sozinho ; caso contrário, será alguma outra coisa. É necessariamente pessoal e criador ;

não pode ser **re-criador** e **re-produtivo**. Como disse Dewey, as idéias e os pensamentos não podem ser transmitidos de uma mente para outra, ao contrário, do que ocorre com os fatos. Diga-se de passagem que a facilidade com que é possível transferir fatos pode estar ligada à imensa proporção de esquecimento.

Assim, embora os professores possam imaginar que estejam ensinando a pensar quando ensinam o pensamento de alguém, na realidade o que fazem é ensinar o produto do pensamento de outra pessoa. Ao confundir o produto com processo, nós nos perdemos. Tentar transferir, de uma mente para outra, as interpretações e as sínteses, não é ensinar a pensar. Ao que parece, a humanidade sempre valorizou muito os produtos do pensamento, embora não tenha tido muito interesse pelos seus processos.

Existem muitos exercícios que focalizam os produtos dos pensamentos de outra pessoa e que exigem os processos mentais inferiores de recordação, reconhecimento e associação. Há necessidade de exercícios menos voltados para produtos e que exijam processos classificados como mais elevados - por exemplo, interpretação, avaliação, análise.

A invenção de tais exercícios não é tão difícil quanto se poderia supor. No início os professores podem fazer algumas perguntas, do tipo das seguintes: Quantos julgamentos meus alunos fizeram hoje? Quantas vezes pedi aos alunos que comparassem, resumissem e interpretassem? Com que freqüência meus alunos observam e descrevem? Quantas vezes classificam e criticam? Foram advertidos para procurar suposições não-explicitadas ou fazer a distinção entre fato e inferência? Em resumo, quantas oportunidades dei a meus alunos para que vissem como se cria conhecimento e para participar dessa criação? Além disso, como comparar essas oportunidades com o número de vezes em que peço a meus alunos para que assimilem conhecimento criado pelos outros? Em minha busca de reunião de dados, será que essa colheita é vista como um elo na cadeia de um método de ciência, de chegar a saber?

Às vezes, no entanto, e apesar de nossas declarações em contrário, os professores realmente não desejam que o pensamento seja uma consequência do ensino. Quase inconscientemente, adotam táticas e atitudes que são inibidores eficientes. Para alimentar os processos de pensamento, é preciso criar consciência de atitudes e táticas que inibem o pensamento e daquelas que o facilitam.

(Raths, Louis Edward e outros - "Ensinar a Pensar", E.P.U., São Paulo, 1977, pg.156 a 159)

D. BIBLIOGRAFIA

1. Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio. Sobre Educação (Diálogos) vol.1, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
2. Gadotti, M., Freire, P., Guimarães, S. Pedagogia: Diálogo e Conflito, Cortez/Autores Associados, São Paulo, 1985
3. Revista Educação e Sociedade, Cortez/CEDES, Campinas
4. Raths, Louis E. e outros. Ensinar a Pensar, EPU, São Paulo, 1977.
5. Equipe Renov. Estudos Sociais: Uma proposta para o professor, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1977
6. C.E.N.P. Manual para o Professor de Suplência, Secretaria do Estado da Educação.